

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

EPÍFISE

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO DEZESSETE)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP
Outubro de 2013

ÍNDICE

AUTO DESOBSESSÃO.....	03
O LIVRO DOS ESPÍRITOS.....	03
TÉCNICA DA MEDIUNIDADE.....	04
OS CHACRAS ph.....	10
OS CHACRAS - cwl.....	12
ESTUDOS SOBRE MEDIUNIDADE.....	14
MÉDIUM QUEM É QUEM NÃO É.....	14
GRILHÕES PARTIDOS.....	15
ANIMAIS NOSSOS IRMÃOS.....	20
SEXO SUBLIME TESOURO.....	22
MECANISMOS DA MEDIUNIDADE.....	01
DICIONÁRIO DA ALMA.....	01
MISSIONÁRIOS DA LUZ.....	01
OBREIROS DA VIDA ETERNA.....	01
PÉROLAS DO ALÉM.....	01
ROTEIRO.....	01
MORTE - RENASCIMENTO - EVOLUÇÃO.....	01
PALINGÊNESE, A GRANDE LEI.....	01
ANTOLOGIA DO PERISPÍRITO.....	01
O PASSE ESPÍRITA.....	01
OS CHACRAS.....	01
MEDIUNIDADE & MEDICINA.....	01
SEXO E EVOLUÇÃO.....	01
FISIOLOGIA TRANSDIMENSIONAL.....	01

AUTO DESOBSESSÃO

Academia Espírita Argentina

A Sede da Alma

141. Há alguma coisa de verdadeiro na opinião dos que pretendem que a alma é exterior do corpo e o circunvolve?

A alma não se acha encerrada no corpo, qual pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro de sonoridade. Neste sentido se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso se constitua o envoltório de corpo. A alma tem dois invólucros. Um, sutil e leve é o primeiro, ao qual chamamos perispírito, outro, grosseiro, material e pesado, o corpo. A alma é o centro de todos os envoltórios, como o gérmen em um núcleo, já o temos dito.

146. A alma tem, no corpo, sede determinada e circunscrita?

Não; porém, nos grandes gênios, em todos os que pensam muito, ela reside mais particularmente na cabeça, ao passo que ocupa principalmente o coração naqueles que muito sentem e cujas ações têm todas por objeto a Humanidade.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Alan Kardec

141. Há alguma coisa de verdadeiro na opinião dos que pretendem que a alma é exterior do corpo e o circunvolve?

A alma não se acha encerrada no corpo, qual pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro de sonoridade. Neste sentido se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso se constitua o envoltório de corpo. A alma tem dois invólucros. Um, sutil e leve é o primeiro, ao qual chamamos perispírito, outro, grosseiro, material e pesado, o corpo. A alma é o centro de todos os envoltórios, como o gérmen em um núcleo, já o temos dito.

146. A alma tem, no corpo, sede determinada e circunscrita?

Não; porém, nos grandes gênios, em todos os que pensam muito, ela reside mais particularmente na cabeça, ao passo que ocupa principalmente o coração naqueles que muito sentem e cujas ações têm todas por objeto a Humanidade.

TÉCNICA DA MEDIUNIDADE

C. Torres Pastorino

VÁLVULA (Página 36)

Vejam agora o comportamento de uma válvula termo-iônica, dessas que utilizamos em nossos rádioreceptores. Vemo-la construída de:

- a) um FILAMENTO de metal próprio, ligado à corrente elétrica que o esquentam até o rubro (em brasa), estado em que o fio expelle de si milhões de elétrons, que tem seu caminho facilitado por causa do vácuo dentro da válvula.
- b) de uma PLACA de metal, que recebe o jato de elétrons e os encaminha para diante pelo fio, mas não permite que eles voltem ao filamento; assim procedendo, transforma a corrente alternada em corrente direta ou contínua.
- c) nas válvulas mais complexas, ente o filamento e a placa existe uma GRADE, que tem a finalidade de "selecionar" o fluxo dos elétrons.

Com esses elementos básicos e alguns secundários, é obtida a RETIFICAÇÃO da corrente e sua ampliação.

Na caixa craniana temos a principal válvula do corpo humano, que será estudada mais minuciosamente no capítulo da Biologia: o corpo PIENAL ou EPÍFISE. Ainda aí se localiza a grande auxiliar da pineal, que é a HIPÓFISE. No resto do corpo encontramos outras "válvulas", mas isso é objeto de outra parte do estudo.

No entanto, fique claro que, para a comunicação, necessitamos de uma válvula detetora ou retificadora, que é o corpo pineal. Comparativamente à termo-iônica, a pineal funciona recebendo corrente alternada e deixando sair corrente direta: é pois uma "transformadora de corrente". Mas, ao mesmo tempo age talqualmente um transformador de frequência, pois recebe "ondas-pensamento" que de lá saem modificadas em "ondas-palavra".

Essa modificação da ideação em palavras é constante, no trabalho interno do EU, que fornece as idéias à mente abstrata; essas ondas curtíssimas são enviadas do transmissor (coração) e captadas pela pineal (cérebro), sendo aí transformadas em palavras discursivas, em raciocínios, em deduções e induções. Com a prática desse trabalho constante, embora inconsciente, a pineal exercita-se para mais tarde, mais amadurecida, poder fazer o mesmo com ideias provenientes de fora, de outras mentes por meio da telepatia.

A pineal, formidável válvula eletrônica, capta as ondas-pensamento (corrente alternada) e as detecta em ondas discursivas (corrente direta pessoal) trabalhadas pelos lobos frontais do cérebro, e depois traduzidas em som (pelo aparelho fonador), ou em desenhos ideográficos (pelos músculos das mãos).

Assim, teórica e praticamente observamos a transmutação das ideias de um ser para outro, no ponto exato da transformação das ondas.

Mas resta-nos ainda ver o processo de "comunicação" propriamente dita.

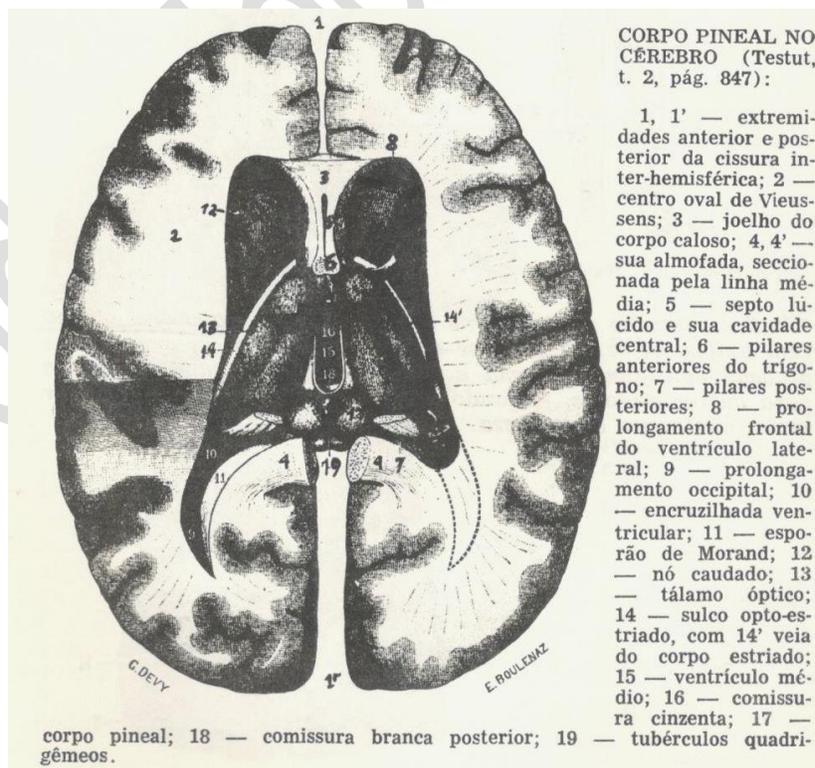
TÉCNICA DA MEDIUNIDADE (Página 92)

C. Torres Pastorino

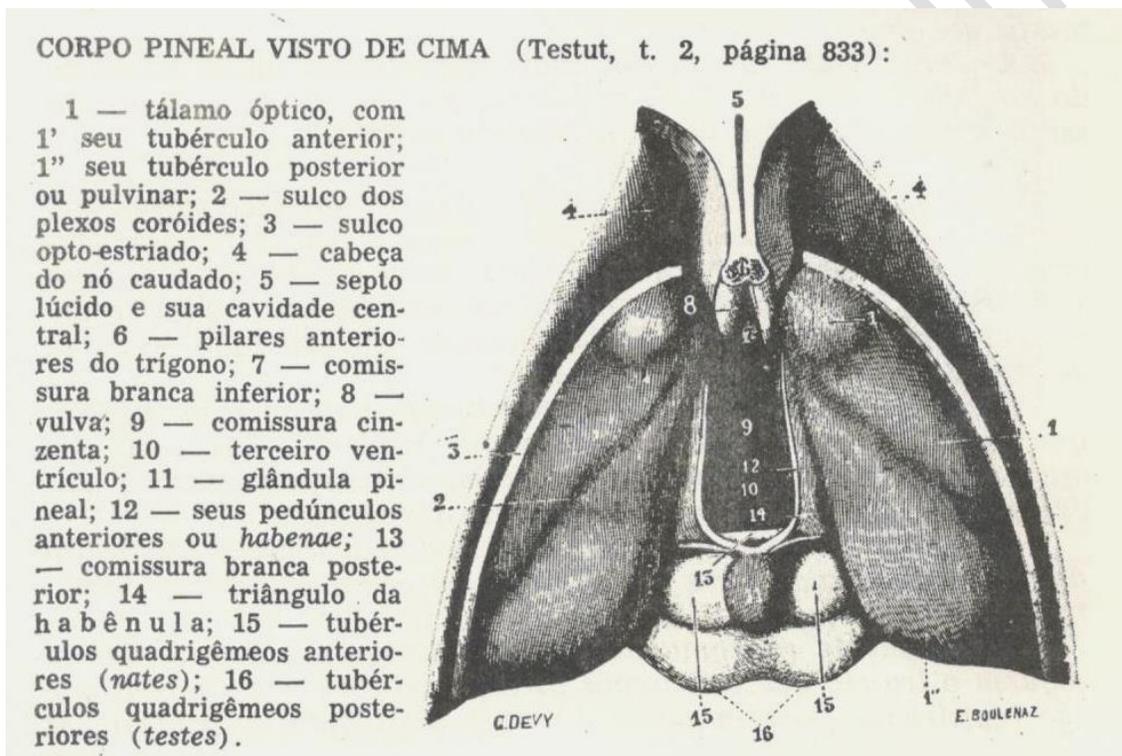
CORPO PINEAL (EPÍFISE)

Trata-se de pequena estrutura cônica, que sai da parte posterior da raiz do terceiro ventrículo e projeta-se para trás, por cima dos corpos quadrigêmeos superiores.

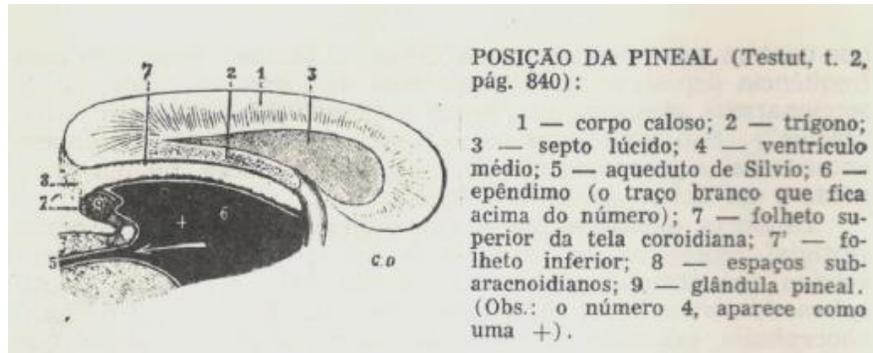
Consiste em células epiteliais redondas, arrumadas de maneira alveolar. Entre os alvéolos ou folículos, acha-se um tecido-suporte, que contem vasos capilares sanguíneos; aí também aparecem com frequência depósitos de sais calcáreos de forma esferoide; se os seccionarmos, mostram uma estrutura laminada concêntrica (tipo "cebola"). São conhecidos como "areia cerebral", que é também encontrada, em pessoas idosas, nos plexos coroides, na pia aracnoide e em outras partes do cérebro.



Dizem os cientistas que o corpo pineal, no homem, é órgão vestigial, representante involuído de um aparelho que era desenvolvido nos antigos vertebrados. Ainda hoje o *tuatara* (réptil *sphenodon punctatum*, único remanescente da ordem dos *rhyngocephalia*, existente na Nova Zelândia) possui uma pineal que consta de dois segmentos distintos: uma glândula, a epífise, que tem a mesma estrutura da pineal humana, e o outro, "sensorial", o "olho pineal" situado no *forámen* parietal (abertura central na abóboda do crânio), coberto por uma escama transparente, cujo verso tem a forma de lente, e a superfície mais baixa, oposta, é uma retina colorida. Parece não perceber a luz. Mas o tamanho enorme do *forámen* parietal dos fósseis dos répteis parece indicar que se tratava de um olho funcional.



Dizem os fisiologistas que a função do corpo pineal parece ser o freio do desenvolvimento sexual até a idade da puberdade (função também atribuída ao timo...). Chegando aí, o controle das gônadas passa a outra glândula (a tireóide) e a pineal se atrofia, involuindo.



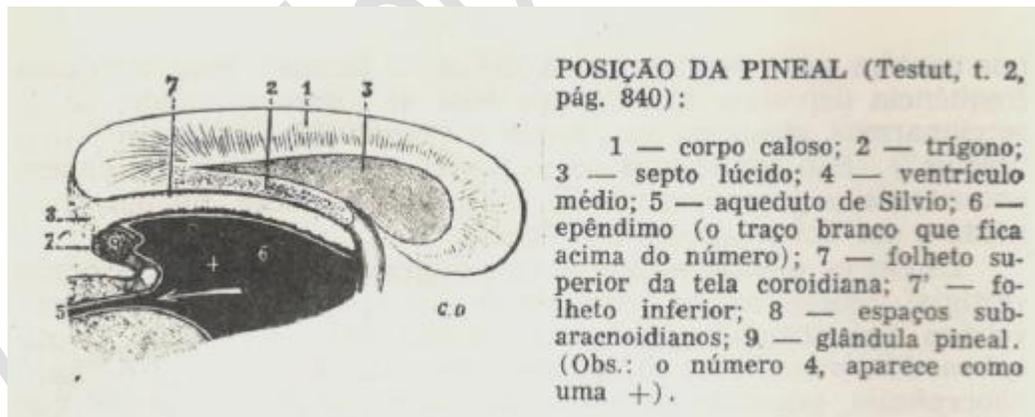
Também aqui temos que consultar a ciência espiritual, que muito nos diz a respeito.

A pineal é um dos órgãos mais importantes do corpo físico do homem, tendo sido a ela atribuída, por Descartes, a honra de ser o ponto em que a alma se prendia ao corpo.

Observemos, de início, que é exatamente nos lacertídeos (ou sáurios), na escala animal, que começamos a encontrar um embrião do corpo pineal. Para trás, nada. Para diante, a cada passo evolutivo na escala zoológica, o animal vai fixando melhor e desenvolvendo mais o corpo pineal, embora seu tamanho físico se vá reduzindo.

O funcionamento ainda é desconhecido pela ciência médica, que apenas lhe empresta a tarefa de "travar" a evolução dos órgãos sexuais até a época da puberdade. Afirma, outrossim, que desconhece qualquer hormônio por ela produzido.

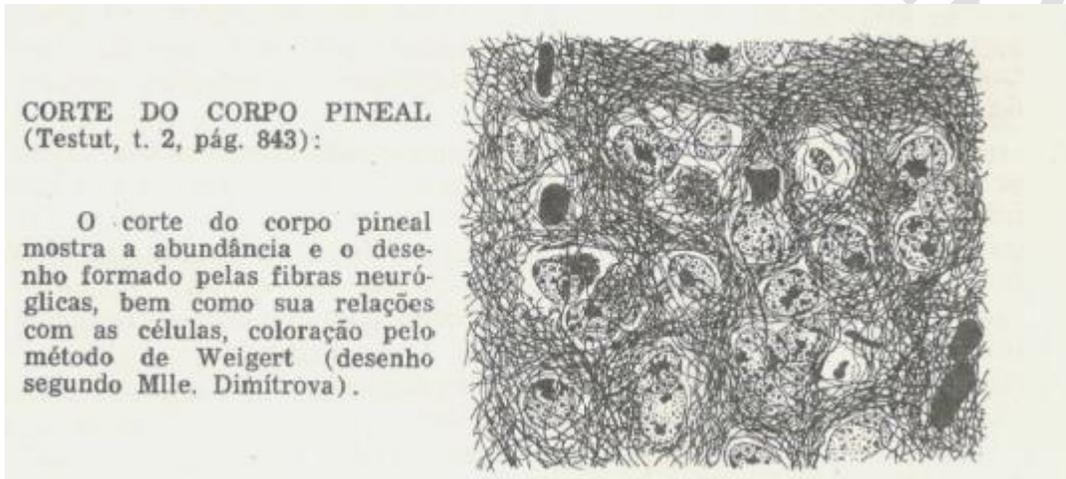
Ora, em realidade o corpo pineal não é glândula produtora de hormônios, mas uma CHAVE de ligação elétrica ou, talvez melhor dito, uma VÁLVULA.



Os impulsos eletromagnéticos e eletroquímicos nos nervos seguem o trajeto que estudamos atrás, mas é no corpo pineal que são registrados esses impulsos e transmitidos para o espírito. Aí se executa a função que até hoje não fora localizada. A própria chamada "areia"(sais calcáreos) tem sua tarefa específica, ainda não revelada: com suas lâminas concêntricas desincumbe-se de seu serviço à semelhança daquela pedra natural denominada "galena", que possui capacidade idêntica, de detectar ondas hertzianas. Lembremo-nos de que, na própria galena, é indispensável procurar um

"pontinho microscópico", para conseguir essa transmutação. Assim ocorre com o corpo pineal, muito superior em seu funcionamento à galena, tanto quanto o cérebro é superior a um computador eletrônico (1).

- (1) Em computador gigante, de 1.000 kg, conseguiram-se circuitos em número de 1.000.000. O cérebro humano com apenas 1 kg (mil vezes menor) consegue 10 bilhões de circuitos (dez vezes mais). Proporcionalmente, enquanto a relação do computador é de 1 para 1.000, a do cérebro é de 1 para 10 bilhões.



Temos, pois, no corpo pineal não propriamente, como interpretou Descartes, o local em que o espírito se liga à matéria, mas a válvula transmissora-receptora de vibrações do corpo astral, regulando todo o fluxo de emissões do espírito para o corpo físico e vice-versa. Daí sua grande importância, também, para a mediunidade.

MEDIUNIDADE RECEPTIVA

Assim denominada porque recebe os impulsos vindos de fora, enquanto a mediunidade "captativa" é a que tem a capacidade de buscar, em sua origem, as ideias e os pensamentos.

Os impulsos provenientes do espírito são transferidos do corpo astral ao corpo pineal, irradiando-se daí à substância branca, ao córtex, ao tálamo, até penetrar normalmente no sistema nervoso comandando o veículo somático. Essa é a ligação direta do próprio espírito (personalidade) com seus veículos físicos.

No entanto, quando a irradiação provém da "mente" (da própria criatura, a individualidade), a emissão é feita através da onda emitida pelo "átomo-monádico", localizado no coração. Daí sai e é recebida, também, pelo corpo pineal, que a transfere

a seus veículos, sobretudo à zona pensante do cérebro, onde se transforma em raciocínio.

Assim como serve ao próprio espírito, a pineal também detecta (recebe) as irradiações de outros espíritos, encarnados e desencarnados, naquele fenômeno que foi batizado de "telepatia". A onda pensamento, desde que esteja sintonizada com a pineal da criatura é recebida, distinguida, e retransmitida aos veículos, através da palavra escrita ou falada.

Para isso, é indispensável que haja sintonia vibratória entre os dois (emissor e receptor) exatamente como ocorre com a galena, que recebe as ondas da emissora de acordo com a faixa em que ela emite as ondas. Com a galena a diferenciação das faixas é feita pelo número de voltas do fio enrolado na bobina. No corpo pineal, essa sintonia se realiza de acordo com o número de ciclos por segundo alcançado pela evolução da criatura através dos milênios. Quanto mais evoluída espiritualmente a pessoa, mais elevada a faixas de onda que pode receber.

Quer do próprio espírito (personalidade), quer da "mente" (individualidade), quer de outro espírito (encarnado ou não), o corpo pineal constitui, então a "chave" ou "válvula" da recepção mediúnica por telepatia. Aparelho de alta sensibilidade, mas que necessita, não obstante, de treino, de exercício, para que se desenvolva, para que não se embote. E quanto mais exercitada, mais fácil e fielmente recebe.

No entanto, como as vibrações do próprio espírito e a dos espíritos afins é do mesmo tipo, o médium frequentes vezes não sabe distinguir se a ideia recebida é própria ou alheia.

OLHO DE SHIVA

O corpo pineal é denominado, também, "terceiro olho" ou "olho de Shiva" pelos ocultistas, embora, por engano lamentável, alguns espiritualistas digam que é a hipófise (pituitária).

O corpo pineal (epífise) é, pois, a responsável pela vidência do mundo astral e pela clarividência.

Na vidência astral a epífise é utilizada, também, pelos animais (cães, cavalos, etc.) que são sujeitos à visão de cenas do plano astral, que é seu plano específico próprio. A humanidade, no ciclo lemuriano, parece que utilizava ainda esse olho, lado a lado com os olhos duplos materiais que começavam sua evolução.

Realmente, o olho pineal, específico para as vibrações do astral, não percebia com clareza a luz, cores e formas físicas. Com a mais forte materialização do homem, havia necessidade de órgãos que percebessem e "vissem" com mais acuidade o mundo físico, enquanto se fazia menor a necessidade de percepção do mundo astral, donde eles saíam. Houve, por isso, a involução ou atrofia do olho pineal (específico para vidência astral) e

o aperfeiçoamento dos olhos físicos, que reproduziam e filtravam melhor as vibrações da matéria densa.

Os sáurios são os remanescentes das experiências efetuadas para essa descida vibratória do espírito. Neles ainda hoje vemos os resquícios desse olho singular com bastante evidência. Lógico que, na experiência com os "tuataras", o olho não reagia à luz física; mas se a experiência pudesse ser feita com a luz astral, supomos que teriam tido êxito os experimentadores: haveria recepção e suas reações típicas.

(1)

OS CHAKRAS

Peter Rendel

O Centro Coronário

O centro coronário localiza-se no topo da cabeça correspondendo à posição da glândula pineal. É a sede da mais alta frequência de vibração de energia em nós.

Essa vibração é frequentemente representada pelos artistas como uma auréola circundando a cabeça de pessoas altamente desenvolvidas ou santas.

Estátuas ou desenhos de Buda geralmente mostram o chacra coronário no alto da cabeça.

A tonsura dos monges tem sua origem não funcionamento desse centro. A tradição cristã se refere aos vinte e quatro anciãos que envergam suas coroas, para sempre, diante do trono de DEUS. Isto também se refere à emanção de energia espiritual através do centro coronário.

O Matrimônio Místico

Ao nível mental há a experiência de pensamentos objetivos, impressões ou imagens na mente. Ao nível espiritual há apenas a pura experiência subjetiva do *Eu sou* sem um lado objetivo.

Em termos da trindade ou das três *gunas*, houve o afastamento do segundo e terceiro princípios e concentração absoluta no primeiro princípio. Quando isto foi feito obteve-se a ioga ou união. O eu inferior uniu-se com o superior através da transmutação das energias dos centros inferiores na dos superiores. Este é o *Casamento Místico* ou *Alquímico*. Segundo a terminologia hindu é a *União do Purusha e de Prakriti*.

É esta experiência que é referida em muitos enunciados místicos como "*Eu sou o Caminho e a Luz*"; "*Tranquilizem-se e saibam que eu sou Deus*"; "*Eu sou todas as coisas para todos os homens*". No nível espiritual há apenas a experiência do *eu sou*, mas como

houve a identificação de si mesmo com o princípio universal ou espiritual em si mesmo, pode-se falar em nível universal. Pode-se dizer *eu sou* e saber que o *eu* é a totalidade da vida porque ocorreu a universalização da própria consciência.

"Eis que faço todas coisas novas" também expressa o sentido de novidade, algumas vezes designado como sentido do maravilhoso, experimentado ao nível espiritual. Esta é a consciência ao nível coronário, que é a experiência indescritível de bem-aventurança da união com sua própria fonte - a divina realidade em nossa própria consciência. É a experiência mística de todas as religiões.

Este estado foi admiravelmente descrito como o de uma "unidade isolada" (*) e é verdadeiramente a experiência de solidão. Mas, paradoxalmente, esta solidão é totalização, que é o sentido real dessa palavra.

Nesse nível realiza-se a unidade com toda a vida. Nos termos do símbolo da roda usado no capítulo Um, se está no centro da roda e a separatividade (discernimento) baseada na experiência objetiva - desapareceu. Assim, para tornar-se um com toda vida ao nível espiritual, este é outro paradoxo que deve ser removido para o exterior ou para o nível da personalidade.

Muitas pessoas não tem a coragem de renunciar ao apego ao nível pessoal porque acreditam que estariam se separando da vida.

Apenas quando esta renúncia é levada a cabo é que se percebe que a única coisa que se deixou, de fato, foi a limitação do eu inferior.

Ao renunciar ao eu inferior emerge-se num domínio mais elevado onde se está mais próximo a todos os seres na unidade de uma natureza mais profunda e real.

Para encontrar seu verdadeiro eu é preciso abandonar o eu interior ou ilusório. Essa busca do verdadeiro eu corresponde à transmutação das energias dos chacras inferiores ao coronário.

O tempo, que vimos ser a experiência da relação mental entre as imagens produzidas pela mente ao pensar nas formas, não deve existir ao nível espiritual, onde tudo é *agora* e sempre novo.

Realidade e Ilusão

Nos termos do Vedanta, a experiência espiritual é *advaita*, ou não-dualidade, porque a polaridade objetiva da vida cessa enquanto se está centrado no eu subjetivo. Pode-se permanecer eternamente neste estado elevado?

Esta é uma das questões metafísicas mais sutis das que já se discutiram. Do ponto de vista do tempo, o mundo é uma contínua vibração ou ritmo entre os polos do espírito e da matéria e, em consequência, não podemos permanecer no espírito mais do que podemos permanecer dormindo o tempo todo.

Precisamos sentir, sempre, o ritmo de dormir e acordar, de inspirar e expirar, nascer e morrer, e todos pares de oposições que vem com o mundo objetivo do tempo e da forma. São esses ritmos que nos dão as marés *tattwicas*, que são a mesma coisa que a lei cíclica ou periódica em toda manifestação.

Quem quer que tenha meditado sabe que não poderá permanecer no estado de meditação para sempre, mas após ter constatado os altos níveis que venha eventualmente a atingir, deve manifestá-los abaixo de alguma atividade criativa.

Quando esta expressão tiver sido completada, sentirá necessidade de retornar a si mesmo. A bem-aventurança da união com o princípio divino é talvez tão relativa quanto qualquer outra experiência e sua significância reside apenas em sua relação com o estado oposto: dualidade objetiva.

A água só é deliciosa para o sedento, o calor para quem tem frio e o frio para quem está acalorado.

Mas considerando sob o ponto de vista do espírito, não se pode dizer que ele nunca é abandonado? Este parece ser o ponto de vista tradicional do Vedanta: que o mundo objetivo é maia ou ilusório, uma vez que nele nada permanece, mas suas formas estão continuamente aparecendo e desaparecendo como as ondas do mar.

Apenas a consciência do *eu sou* é eterna e imutável.

Contudo, não podemos dizer que mesmo uma ilusão é real para quem a experimente no tempo em que a experimenta? Na parábola indiana da corda e da serpente, um homem toma um pedaço de corda por uma serpente e sente medo. Quando percebe que é uma corda, seu medo desaparece. De fato, teve uma ilusão porque a corda jamais foi uma serpente. Mas é realmente verdadeiro dizer que jamais foi uma serpente? Para o experimentador da ilusão, sua "serpenticidade" era talvez tão real naquele tempo como a experiência subsequente de que era uma corda.

O problema quando resolvido parece simples. Mas quem o resolveu, dizer aos que não o resolveram que é simples ... A posição de tal pessoa pode não ser muito sábia.

Se alguém lhe perguntar como chegar à esquina do Hyde Park e receber como resposta que quando chegar até lá não precisará de saber o caminho - então saberemos que você está recusando admitir que os dois pontos de vista podem existir.

(*) Jogo de palavras intraduzível entre *aloneness* (solidão) e *all-one-ness* (redução de tudo a um, totalização). (N.T.)

OS CHAKRAS

C.W.Leadbeater

DESENVOLVIMENTO DOS CHAKRAS

FUNÇÕES DOS CHAKRAS DESPERTOS

Além de manter vivo o corpo físico, os chakras desempenham outra função quando estão em atividade. Cada chakra etérico corresponde a outro astral; mas como este é um vórtice de quatro dimensões, tem uma extensão de que carece o vórtice do chakra etérico, e portanto, não podem coincidir exatamente ambos os chakras, ainda que coincidam nas três dimensões do etérico.

O chakra etérico está sempre na superfície do duplo etérico, enquanto que o chakra astral está frequentemente no interior do corpo astral.

Os chakras etéricos em plena atividade, ou completamente despertados, transferem para a consciência física toda qualidade inerente no correlativo chakra astral. Assim é que antes de catalogar os resultados dimanantes do despertar à plena atividade dos chakras etéricos, convém considerar a função dos chakras astrais, conquanto estes já estejam em plena atividade em todas as pessoas cultas das últimas raças. Assim, pois, que efeito produz no corpo astral o avivamento dos chakras astrais?

O primeiro destes chakras, como já dissemos, é o foco do *kundalini* ou fogo serpentino, existente em todos os planos e cuja atividade desperta os demais chakras.

Devemos considerar o corpo astral como se originariamente houvesse sido uma massa quase inerte com consciência muito vaga, sem definida capacidade de atuação nem claro conhecimento do mundo circundante. Portanto, o primeiro que sucedeu foi o despertar do fogo serpentino no homem astral. Uma vez atualizada essa energia, passou ao segundo chakra astral, correspondente ao esplênico físico, por cujo meio vitalizou todo o corpo astral, capacitando o homem astral a viajar conscientemente, embora ainda com vago conceito do que encontrava em suas viagens.

Depois o *kundalini* passou para o terceiro chakra astral, correspondente ao umbilical físico, e o vivificou despertando no corpo astral a faculdade de receber toda classe de sensações, embora ainda sem percebê-las claramente.

A vivificação do quarto chakra astral correspondente ao cardíaco físico, capacitou o homem a receber e compreender as vibrações de outras entidades astrais, e simpatizar com elas de modo que conhecesse instintivamente seus sentimentos.

O despertar do quinto chakra astral, correspondente ao laríngeo, conferiu ao homem a faculdade de audição no plano astral, isto é, atualizou-lhe o sentido que no mundo astral produz em nossa consciência o mesmo efeito que no mundo físico chamamos audição.

O despertar do sexto chakra astral, correspondente ao situado entre as sobrancelhas, produziu analogamente a visão astral ou faculdade de perceber clara e

distintamente a forma e a natureza dos objetos astrais, em vez de sentir vagamente sua presença.

O despertar do sétimo chakra astral correspondente ao coronário, completava a vida astral do homem e aperfeiçoava as suas faculdades.

A respeito do sétimo chakra astral parece existir alguma diferença segundo o tipo a que pertença o homem. Em muitos indivíduos, os vórtices do sexto e sétimo chakras astrais convergem ambos ao corpo pituitário (figura 9), que em tal caso é o único enlace direto entre o corpo físico denso e os corpos superiores de matéria relativamente sutil.

Mas noutros indivíduos, embora ainda aliem o sexto chakra astral com o corpo pituitário, inclinam o sétimo até o seu vórtice coincidir com o atrofiado órgão chamado glândula pineal (figura 9) que em tal caso se reaviva e estabelece ligação direta com o mental inferior sem passar pelo intermediário comum do astral. A este tipo de homens se referia Blavatsky, ao ponderar a importância do despertar da glândula pineal. Também a doutora Besant diz que tal despertar se inicia em diferentes planos, conforme o indivíduo. A este propósito transcrevemos a seguinte passagem de sua obra *Estudo sobre a Consciência*:

A construção dos centros e a sua gradual organização em rodas ou chakras, pode começar em qualquer veículo. Em cada indivíduo começará no veículo correspondente ao tipo especial de seu temperamento, que dará a tônica de maior atividade na construção de todos os seus veículos e a sua gradual conversão em instrumentos eficazes para que a consciência se manifeste no plano físico. Assim teremos que o centro da atividade poderá estar em qualquer dos corpos físicos, astral, mental, causal ou outro ainda superior, segundo o tipo do temperamento individual, e dali atuará para cima ou para baixo, para modelar veículos capazes de servir de expressão a esse temperamento (1).

(1) Annie Besant, *Estudio Sobre la Conciencia*, págs. 208/9, Editorial Teosófica, 1922, Barcelona.

ESTUDOS SOBRE MEDIUNIDADE

Organizado pelo Centro Espírita "Allan Kardec" de Campinas

A Epífase

É um órgão cônico, achatado, em forma de pinha, medindo (no adulto) 8 por 5 mm. Localiza-se no cérebro, à frente do cerebelo, acima dos tubérculos quadrigêmios.

Sua função:

- a) para uns seria apenas o vestígio do olho mediano (3º olho), que foi, provavelmente, um órgão funcional em certos répteis e anfíbios ora extintos;
- b) para outros, é glândula de secreção interna (apesar de não ter sido possível provar que produza determinado hormônio) e estimularia o crescimento e a maturação sexual; na fase da infância, inibiria a ação sexual mas quase se anularia depois, quando as glândulas genitais a sucederiam.

Segundo informações espirituais (Missionários da Luz, Cap. 1 e 2):

Não é absolutamente um órgão "morto".

É a glândula da vida mental, com as seguintes funções:

- a) despertar as forças criadoras na puberdade;
- b) depois, continuar como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre;
- c) é fonte criadora e válvula de escapamento;
- d) enseja a recapitulação da sexualidade;
- e) desata de certo modo os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na sequência de lutas pelo aprimoramento da alma.

Epífise e mediunidade (Idem)

"No exercício mediúnico de qualquer modalidade, a epífise desempenha o papel mais importante. Através de suas forças equilibradas, a mente humana intensifica o poder de emissão de raios peculiares à nossa esfera (espiritual). É nela, na epífise, que reside o sentido novo dos homens; entretanto, na grande maioria deles a potência divina dorme embrionária".

(...) "vali-me das forças magnéticas que o instrutor me fornecera, para fixar a máxima atenção no médium. Quanto mais lhe notava as singularidades do cérebro, mais admirava a luz crescente que a epífise deixava perceber. A glândula minúscula transformara-se em núcleo radiante e, em derredor, seus raios formavam um lótus de pétalas sublimes."

(...) "Sobre o núcleo, semelhante agora a flor resplandecente, caíam luzes suaves, de Mais Alto, reconhecendo eu que ali se encontravam em jogo vibrações delicadíssimas, imperceptíveis para mim."

MÉDIUM QUEM É E QUEM NÃO É

Demétrio Pável Bastos

XXXI - DOS MÉDIUNS E SUAS APTIDÕES

Por que os médiuns, em geral, o são para determinada mediunidade e não para outra?

Este fato não foi ainda satisfatoriamente explicado, por certo, em virtude de nossas limitações.

Estamos informados de que existe no organismo uma glândula ligada à mediunidade, a epífise (André Luiz). Evidentemente ela não desencadeia, por si só, um fenômeno mediúnico, que depende de haver ou não uma agente, Espírito ou Alma, agindo sobre o sensitivo, através dela. Mas por que, para uns, funciona de um modo e, para outros, de maneira diferente? Será que cada tipo de mediunidade teria sua própria "frequência vibratória", e que a epífise funcionaria de modo semelhante ao de um potenciômetro variável, como em aparelhos de rádio?

Se assim for, carece de ser demonstrado.

Ora, sucede que certos parapsicólogos estão identificando exatamente a epífise como glândula ligada aos efeitos paranormais.

Este fato fortalece a idéia de que o fenômeno mediúnico e o não-mediúnico têm raízes comuns, mas um não deve ser confundido com o outro. São fenômenos da mesma "espécie", como a laranja-lima o é da laranja seleta; não obstante as grandes semelhanças entre elas, não são passíveis de serem confundidas, uma com a outra. A diferença fundamental entre as duas ordens de fenômenos que acabamos de citar está no respectivo agente, conforme já demonstramos, exaustivamente.

Allan Kardec, com sua visão genial, sem citar a epífise, pressentiu-lhe o desempenho, ao afirmar categoricamente, que a mediunidade se radica no organismo (LM - 226); mas o Codificador não relacionou o conceito de médium com o organismo, e sim, com o agente que o manipula.

Neste conceito repousa a diferença notável entre o Espiritismo e a Parapsicologia materialista, definitivamente inconciliáveis. Apenas a Parapsicologia considerada pela

visão espírita, pode receber a referendação da razão; mesmo que se refira aos fenômenos anímicos, não-mediúnicos, estará pondo em destaque o Espírito imortal do próprio sensitivo, fato que Allan Kardec conhecia desde os primórdios do Espiritismo.

GRILHÕES PARTIDOS

Manoel Philomeno de Miranda

17 - DOCTRINAÇÃO E SURPRESAS

Cada processo obsessivo, face aos fatores que o motivam, tem características especiais, embora genericamente sejam semelhantes. Há que se levar em conta as resistências morais do paciente, os hábitos salutaros ou desregrados a que se submeteu, os títulos de enobrecimento ou vulgaridade que coletou, facultando-lhe recursos atenuantes ou agravantes à condição aflitiva.

Normalmente, além dos implicados na demanda, Entidades ociosas ou perversas agrupam-se em volta do encarnado em desajuste, complicando-lhe a alienação. Quando se trata de Espíritos sequiosos de vingança e possuidores de largos recursos de concentração mental maléfica, fazem-se temidos até mesmo pelos que se lhes assemelham, batendo-os em retirada. Na generalidade, porém, o obsessivo experimenta a constrição do seu perseguidor e a perturbação dos que lhe são afins ao problema por sintonia vibratória compreensível.

Iniciada a terapêutica desobsessiva de Ester, com o afastamento de seu algoz para a competente doutrinação, além dos efeitos diretos e colaterais da trama insidiosa, por ajustamentos cármicos, não podia a mesma apresentar-se de inopino restabelecida. Comensais da desordem e viciados desencarnados, que seriam atendidos em momento próprio, prosseguiram assediando-a ... Além disso, a engrenagem mental demoradamente prejudicada pela interferência dos fluidos persistentes, deletérios, exigia tempo e tratamento especial para a reorganização. De qualquer forma, a poderosa carga de ódio que a molestava, contristora, diminuía de intensidade, graças à impossibilidade de mais direta influência do inimigo desalmado. Não se interromperam, porém, *in totum*, os vínculos que os estreitavam no programa regenerador.

Quando o Comunicante despertou da indução hipnótica e da assimilação dos fluidos, incontinentemente desejou ir ao Manicômio para a *hospedagem* psíquica vampirizadora. Assistido pelos dois Enfermeiros Espirituais destacados para o mister, para ele

invisíveis, foi reconduzido ao sono, através de cuja terapia se reequilibrava emocionalmente, enquanto se aguardava o próximo serviço socorrista.

Não se pode amar a Deus sem que se sirva com abnegação ao próximo. Da mesma forma, qualquer incursão para ajudar o perturbado, sem a caridade para com o perturbador, redundaria improfícua senão perniciosa. Justo atender aos contendores sem preferencialismos, porquanto enfrentando o mesmo problema, ambos são desditosos. E o que aflige é sempre mais desventurado, em se considerando a ingestão do ódio que o desvaira hoje como o inapelável resgate que defrontará amanhã. Piedade, portanto, também, para os que infelicitam, perseguem, atormentam - *não sabem o que fazem!*

Seguindo a programação traçada para o problema em tela, no dia estabelecido para o novo serviço de assistência, os membros que constituíam o grupo especializado reuniram-se no Centro Espírita, como da vez anterior, conscientes da própria responsabilidade.

Podia-se notar-lhes a satisfação íntima transparente no semblante de todos, exteriorizando otimismo e confiança nos desígnios superiores como inalterável submissão aos resultados buscados, fossem quais fossem.

Procedida à leitura de uma página consoladora e entretecidos leves, agradáveis comentários sobre o texto, foi feita a prece de abertura, que dava início ao intercâmbio entre as duas esferas da vida.

Como fora providenciado da vez anterior, o enfermo desencarnado foi trazido adredemente e, desde a véspera, quando o médium Joel, em seu desdobramento pelo sono, foi conduzido àquele recinto, cuidou-se da sua pré-imantação fluídica para o ministério em pauta. Com esse recurso valioso, procedia-se a um cuidado propiciatório a mais amplos e frutíferos resultados.

O caroável Bezerra, humilde e diligente, aprestara-se às providências indispensáveis ele próprio, profundo conhecedor das enfermidades obsessivas desde quando na roupagem carnal atendera a dezenas de subjugados e obsessos inúmeros, que lhe exigiram expressivas doações de paciência, sabedoria e amor, mediante cujos valores sempre colimava êxito nos tentames socorristas. Afeiçoado aos equivocados, por saber o que os aguardava, zelava pela enfermagem da noite destinada ao implacável antagonista de Ester, com o carinho de extremoso pai, sem, no entanto, os receios, o pieguismo ou a ansiedade dos que se demoram em estágio de infância espiritual.

Todas as atividades eram exercidas com extremada ordem, em esfera psíquica de salutar harmonia.

Tomando a instrumentação mediúnica de Rosângela, que manipulava com habilidade e delicadeza, após a sudação evangélica, expôs, compassivo:

– Aqui estamos sob a égide de Jesus para ajudar, pura e simplesmente. Candidatamo-nos a socorrer sem maiores ambições, pois que os resultados pertencem sempre ao Senhor, a Quem doamos, também, nossas vidas . . .

“Desse modo, recordemos o Mestre em Gadara ou Gerasa diante do obsediado em desvalimento; nenhuma exprobração, nenhuma violência, vulgaridade alguma, sem acusação nem reproche. Examinou o drama de dor e sombra que os envolvia, auscultou os receios do perseguidor e as necessidades do perseguido, a ambos libertando, conforme suas condições interiores . . .

“Calmamente e íntegro, superior e amoroso, infundiu respeito, concedeu oportunidade liberativa, amparou.

“Não desvalorizemos as excelentes possibilidades que Ele nos coloca ao alcance: oração, paciência, caridade . . . Permeando-nos desses poderes, serão dispensáveis a discussão, a agitação, a ofensa humilhante, a dura verdade para dobrar . . .

“Ninguém está lutando contra outrem a perseguir a própria vitória.

“Estamos exercitando vivência cristã fraternal e caridosa para com nós mesmos, através do auxílio ao próximo.

Depois de breve silêncio, a fim de que todos pudéssemos absorver o tônico das suas palavras, obtemperou, concluindo:

O irmão em tratamento representa o nosso passado, o que já fomos, e o porvir dos invigilantes, que ainda hoje não despertaram para as responsabilidades que lhes dizem respeito.

“Atendido como irmão, que não o seja apenas verbalmente, recebendo o afável tratamento que lhe devemos dispensar . . .

“Oremos e prossigamos!”

O milagre da palavra oportuna concitava-nos a refletir no conteúdo do verbete “irmão”, fácil de enunciar, difícil de, aplicando-o ao próximo, tê-lo em condição que tal.

Meditando nos conceitos expostos, verificávamos, mais uma vez, que o rude e frio, indigitado e agressivo adversário da débil moçoila e de seus pais, era somente o irmão doente da retaguarda, carecente de socorro quanto suas próprias vítimas atribuladas . . .

Dirigi o olhar aos genitores da obsidiada e *ouvi-lhes* o pensamento em prece contrita, a emoção em forma de lágrimas, o sentimento extravasando compaixão por aquele que os martirizava, é certo, todavia, se convertera no motivo precioso do seu encontro com Jesus . . .

O médium Joel, profundamente concentrado afastou-se do corpo somático. Todo ele estava transformado numa usina de forças magnéticas de variado teor. Da região onde se situava a pineal ou epífise na sua forma física, vibrava um poderoso dínamo luminoso que irrigava todas as glândulas do sistema endócrino, ativando as supra-renais com energia fosforescente, que assumia fulgurações inimaginadas.

O cérebro transformara-se num fulcro iridescente de fortes tonalidades, enquanto o coração estimulado vitalizava todo o sistema circulatório, invadido por fluidos luminosos que eram ativados pelo centro cardíaco, em formosa coloração ouro-alaranjada. O caleidoscópio singular oferecia insuspeitada beleza aos nossos olhos fascinados.

O Instrutor, compreendendo nosso justo entusiasmo, informou-nos:

– A mediunidade com Jesus é ponte sublime por onde transitam as mais elevadas expressões do pensamento divino entre os homens. Fonte inexaurível de recursos transcendentais, flui e reflui exuberante, dessedentando, banhando de forças e de paz. Das suas nascentes superiores procedem a inspiração e o alento, as energias que sustentam nos momentos cruciantes do martírio e dos testemunhos sacrificiais.

“Pelo seu conduto falam os Céus aos homens, responde o Pai às súplicas vertidas na oração, a misericórdia balsamiza chagas e impele à santificação da Caridade.

“ O apóstolo, o missionário, o santo de qualquer ministério e realização por ela conseguem os vislumbres e antevisões, os sonhos e os arroubos, as instruções e os apelos elevados que os impulsionam ao avanço, à realização, aos objetivos nobres, apesar dos motejadores, perturbadores e adversários que se lhes colocam à frente, ameaçadores .

..

“Médium de Deus, dignificou-a Jesus Cristo, elevando-a à sua mais sublime condição.

“Descuidada, porém, converte-se em fumaça de sombras e males incontáveis, que terminam por derrotar o mordomo leviano que a desprezava. Ao abandono faz-se porta de acesso a alienações incontáveis e enfermidades fisiológicas de diagnose difícil.

“Percepção do espírito, através do perispírito nas suas tecelagens mui sutis, coa as vibrações com que sintoniza, fazendo-se claro sol ou pesada noite nas paisagens da vida.

“Edificá-la com sacrifício e preservá-la dos ladrões, dos vícios de toda ordem que atraem as Entidades perniciosas, que a desnaturam e embrutecem, é obrigação do homem decidido, do cristão consciente.

“Joel é um exemplo da dedicação superior, da disciplina pelo trabalho e do estudo consciente do Espiritismo e das próprias limitações, condições que o tornam excelente instrumento para o intercâmbio, por despersonalismo, ausência de paixões dissolventes e de presunção . . .

“Ao bom trabalhador o seu salário compensativo . . .”

Silenciando, aproximou-se da Entidade e ajudou-a, inconsciente como se encontrava, no processo psicofônico. Ato contínuo, aplicou-lhe passes de dispersão fluídica com que a despertou.

Logo se fez lúcido, o Comunicante tentou erguer o médium, numa atitude desesperada, e, sem dar-se conta do tempo transcorrido, investiu, furioso:

– Que você fez comigo? Não sou de dormir, pois o tempo é para mim precioso demais, para permitir-me desperdícios desnecessários. Como dizia, enquanto me lampeje o ódio, nada de sermões . . .

Atendido pelo Benfeitor, que prosseguia aplicando-lhe recursos próprios para despertar-lhe as lembranças, aguçando-lhe a percepção, subitamente viu o grupo de companheiros encarnados. Sem entender exatamente o que ocorria, deblaterou:

– Onde estou?, volto a perguntar. Quem são os senhores e o que querem de mim? São mortos ou vivos?

Sem trair-se por qualquer perturbação, o diretor respondeu:

– Estás numa sessão espírita . . . Como já te expliquei, ninguém morre. Estás sem o corpo, nós com ele. Como te aprouver, porém: fazemos parte dos vivos da Terra e tu dos chamados mortos, que prosseguem vivendo. Queremos ajudar-te . . .

– A mim?! - tentou barafustar-se, como desejando libertar-se do diálogo. - Por que alguém iria querer ajudar-me? Não tenho amigos, não creio na bondade. Ora, desembuche sem rodeios.

– É o que estamos fazendo. Estás doente e desejamos auxiliar-te a curar-se.

Enquanto os esclarecimentos se sucediam, o Coronel Santamaria sintonizava com o Espírito sofredor, no afã de querer auxiliá-lo a esclarecer-se, a fim de salvar a própria filha. A mente em fixação alcançou a entidade, que relanceando o olhar fulgurante de ódio pelo recinto, fixou-o no respeitável militar, para logo explodir:

– É ele! Que faz aqui? Pensa em alcançar-me? Tarde, é muito tarde? Agora sou eu quem manda . . . Vingança, vingança, chegou a hora que eu esperava.

– Não sabemos a que ou a quem te referes - acentuou o orientador, com habilidade.

– Ele sabe! - apontou com o dedo em riste o Comunicante. - Se ele não se recorda, jamais me pude esquecer, eu que fui sua vítima. Por isso, agora, domino-lhe a filha. Farei que ele rasteje aos meus pés e suplique. Terei o prazer de negar-lho, devolvendo, sim, o cadáver da desgraçada, para, então, . . .

Dona Margarida, não afeita, ainda, a situação de tal natureza, começou a chorar. O Coronel, que não obstante o veemente desejo de acertar e sublimar-se, não pudera, compreensivelmente, alcançar a serenidade desejada, perturbou-se, descontrolando-se, intimamente, enquanto o Espírito blasonava:

– Odeio-o! Odeio-o! Meu Deus, quanto eu odeio este homem! Envelheceu, mudou um pouco, mas é o meu inimigo feroz. Odeio-o!

A vibração pestilencial do ódio, expelido em ondas sucessivas de baixo teor, impregnava a sala, tornando-a desagradável.

Inspirado, o Coronel Sobreira alvitrou:

– Oremos, mantendo nossa tranquilidade. O doente mais grave exige maiores cuidados, urgente medidas de socorro, superior assistência. Preservemo-nos, amorosos e serenos, buscando . . .

– Doente, eu?! – reagiu, gargalhando –. Você é quem está louco. Odeio aquele homem e ele sabe porquê. Nunca o perderei. O mal que a mim e aos meus ele propiciou será cobrado lentamente. A morte seria para ele umas férias agradáveis . . . Eu lhe concederei o prazer do suplício demorado: ver ou não ver, sabendo, porém, que a filha morre a pouco e pouco em minhas mãos, enquanto lhe instilo ódio . . . Se quiser fugir pelo suicídio como já lhe sugeri, melhor para o meu programa . . . Verás, infeliz, como é bom suicidar . . . E se ficar, dará no mesmo . . . Pensava que eu morri? Também eu não sabia o que aconteceu . . . Como demorou, até que eu tomasse conhecimento do ocorrido! Agora mudamos de posição. Eu sou a segurança, ele a incerteza; eu o trunfo, ele nada . . .

– Encontras-te equivocado, meu amigo. Se alguém aqui te prejudicou, não o fez conscientemente, ou se cometeu esse grave erro, agora está arrependido e suplica-te perdão. Observa que melhor é perdoar, do que rogar perdão. Nosso lema, aqui, é a Caridade, não havendo lugar para revides nem vingança. Sê tu quem ajude, por conheceres de perto o travo do sofrimento. Magoou-te o pai e desforras-te na filha? Onde o equilíbrio? Dás vingança e esqueces da injustiça que perpetras. Dizes-te vítima e veste-te de cobrador. Com qual direito? Nunca ouviste falar, por acaso, em Jesus Cristo, o Crucificado sem culpa? Assim retribuíste ao seu sacrifício de amor numa Cruz de vergonha e infâmia, que Ele enobreceu? Estás mais doente do que supúnhamos, meu irmão. Ouve: Ester, tua vítima atual, não pertence ao pai, menos a ti. Todos pertencemos ao Pai Criador. Como responderás à pergunta divina, que um dia gritará na tua mente, como na simbologia bíblica: "Caim, que fizeste do teu irmão? " Para onde fugirás?

– Eu odeio, é tudo que posso dizer . . .

– Entretanto, isto não te justificará ante o Tribunal Divino, que impõe a Justiça. Pelo contrário, mais agravará a tua infeliz situação. Nossos erros são nossos cobradores. Mesmo quando esquecemos não os destruímos: eles reaparecem no momento próprio. Asserena-te e confia em Jesus. Responde-me: conheces Jesus?

– Sim, cheguei até a amá-LO na minha infância. Agora, porém, é tarde.

– Ninguém O ama e depois O abandona. A pessoa afasta-se dEle, enquanto Ele porfia esperando. Chama por Ele, reconcilia-te com o teu irmão, que supões adversário e recupera-te...

– Não posso! Não deixarei a filha, a fim de martirizar o pai.

– E afligir, também, à mãe? Que te fez a dorida mãezinha de Ester? Fita-a, sofrida, sem saber das tuas razões, nunca suficientes para tal crime. Como verias alguém que te destroçasse aquela que te aninhou no regaço com devoção e sofrimento? ...

– Pare! Não me recorde minha mãe ... Pelo que sofreu, por culpa dele, é que me vingo. Mamãe, mamãe! – desvairou, quase hebetado.

O Benfeitor, que o despertava para as lembranças felizes, recorreu aos passes magnéticos, a fim de tranquilizá-lo, na desdita em que se desconcertava cada vez mais.

Adormecendo, recebeu o procedimento anterior, sendo retirado cuidadosamente.

Pelo médium Joel, o Diretor Espiritual teceu algumas úteis considerações e após a oração reconfortante, emocionada, a sessão foi concluída.

Logo após os companheiros comentaram, otimistas, o resultado do labor e, sob o olhar penetrante das estrelas brilhantes no céu sem nuvens, demandaram o lar.

ANIMAIS NOSSOS IRMÃOS

Eurípedes Kühl

OS ANIMAIS E O PROGRESSO (Cap.6 A §6)

Se o homem auxilia a evolução dos animais, quando lhes dispensa proteção, respeito e amor, com isso reduzindo ou mesmo eliminando suas naturais reações selvagens ou instinto agressivo - se tudo isso é verdade -, não menos verdadeiro é que sem os animais a vida humana não estaria no seu nível de conforto atual.

Em termos de evolução, bem maior é o débito da humanidade para com os animais do que o crédito que lhes temos dispensado para seu bem-estar e progresso espiritual.

Exporemos a seguir alguns detalhes da convivência homem-animal.

Bovinos

São os animais que, em maior número, são criados e sacrificados, transformando-se, quase sempre com crueldade, em alimento humano.

O boi não rende só bifés. Antes mesmo de ser abatido, ele deixa no curral do frigorífico o esterco, empregado como adubo ou transformado em biogás. O próximo subproduto é coletado na sala de matança: 12 quilos de sangue, utilizados para a fabricação de fertilizantes, colas, espuma para extintor de incêndio e ração animal . . . e como ingrediente de biscoitos, para combater anemia de crianças. O sangue é ainda aproveitado no preparo de embutidos (salsicha, linguiça, salame, mortadela, etc.), vacinas e albumina.

As tripas servem para acondicionar esses embutidos e também para produzir cordas de raquetes de tênis, que protegem os cotovelos dos tenistas mais que as cordas sintéticas, pois cedem mais e retornam mais rapidamente à posição de origem.

Com as patas dianteiras do boi se faz o mocotó. Das traseiras se extrai o óleo de mocotó, usado como lubrificante. Os ossos das patas se transformam numa gelatina especial para a fabricação de sorvetes e filmes de raio X.

Cascos e chifres, ricos em nitrogênio, se prestam à produção de fertilizantes e também à confecção de botões e pentes. O couro vira calçados, malas, bolsas e roupas.

Da glândula hipófise saem vários hormônios, aproveitados pela indústria farmacêutica. O extrato da glândula pineal (epífise) é usado no tratamento de esquizofrenia. Do abomaso - "estômago verdadeiro" - se retira a renina, "coalho" utilizado pelos laticínios.

Os pulmões e principalmente o fígado fornecem a heparina, um anticoagulante empregado no tratamento de problemas vasculares.

A indústria de pincéis usa pêlos das orelhas e da cauda. As fábricas de sabão ficam com o sebo do qual também se extrai a glicerina, usada em explosivos.

Um dos subprodutos mais valiosos é o cálculo biliar, normalmente contrabandeado para o Oriente, onde se transforma em remédios contra o "câncer" (1). (UFA!...).

Dizem muitos que "do boi nada se perde, a não ser o berro".

Discordamos: quem pensa assim talvez nunca tenha visto como uma boiada é tangida: tranquilizando os animais ao imitar mugidos, o berrante, chegando quase a sons sagrados, vai à frente. É indispensável à harmonia do deslocamento da boiada; isso, sem contar os malabarismos sônicos dos berrantes nas festas rurais...

(1) Alguns dados foram extraídos da *Folha de São Paulo* de 15 de janeiro de 1991.

Sistema Glandular (1) (Cap.8.12 §20)

A epífise (glândula pineal), a cada passo evolutivo na escala zoológica, vai se fixando e se desenvolvendo no animal. Seu funcionamento ainda é desconhecido pela ciência médica, que apenas lhe empresta a tarefa de "travar" a evolução dos órgãos sexuais, desconhecendo qualquer hormônio por ela produzido. Na pineal está a válvula transmissora-receptora de vibrações do corpo astral, sendo que na vidência astral é também utilizada pelos animais (cães, cavalos, etc.);

(1) Em *Técnicas da Mediunidade*, de C. Torres Pastorino, cap. III, "Biologia", itens c e d, respectivamente.

SEXO SUBLIME TESOURO

Eurípedes Kühl

9. PSICOSSOMÁTICA E SEXO

A Ciência Médica já reconhece que a mente e as emoções, quando em conflito, são causadoras de doenças.

A mente, no caso, é uma função cerebral.

O cérebro é instrumento da alma.

Assim, "mente", "cérebro", "corpo", "alma", constituem o ser.

Pedagogicamente, Kardec denominou de:

- "Espírito": o Espírito, quando desencarnado
- "alma": o mesmo Espírito, quando encarnado.

9.1 KARMA

O Espiritismo, calcado na Lógica e na Justiça Divina, afirma que o ser de hoje é o saldo condensado das experiências adquiridas ao longo das várias jornadas terrenas (reencarnações). Em cada uma delas, pela Lei Divina da Igualdade, o ser nasce com um programa de vida justo e individual, pré-estabelecido.

Os antigos denominavam de "karma" (do Sânscrito = ação), o saldo entre a prática do Bem ou do Mal.

Nesses programas, cármicos, doença e susceptibilidade à doença são consequência do funcionamento da lei de causa e efeito, tanto quanto saúde e paz. No primeiro caso, há "mau karma" e no segundo, "karma bom".

Muito seguidamente semeamos numa vida e colhemos na próxima.

Isso é especialmente verdadeiro para nós, ainda involuídos, nos casos de:

- a. doenças causadas ou surgidas no nascimento;
- b. susceptibilidade às doenças;
- c. doenças hereditárias

A cura real consiste em corrigir os erros do conhecimento e os defeitos do caráter, eliminando da nossa vida, assim, definitivamente, as ações que produzem dor, especialmente as de crueldade e abuso do corpo.

Para o estudo do presente trabalho, analisaremos tão somente as consequências danosas resultantes das aberrações, desvios e abusos sexuais.

A cura acima referida é conquistada, segundo Kardec, pela "REFORMA ÍNTIMA", que consiste, basicamente, na troca do "homem velho" por um "homem novo", cuja transformação moral haja substituído as más inclinações pelo amor ao próximo.

Não resta a menor dúvida que, do ponto de vista da evolução espiritual, o sofrimento é educativo, tanto quanto também o são as experiências agradáveis: **dor** ou **bem-estar** dependem da opção de quem age, respectivamente, no mal ou no bem.

Está cientificamente comprovado que as emoções podem alterar o equilíbrio das glândulas endócrinas, hipófise e epífise. A primeira, produzindo e lançando hormônios (do Grego: "horman" = despertar para a atividade), diretamente no sangue; a segunda, servindo de ligação entre os impulsos eletromagnéticos e eletroquímicos, registrados nos nervos e transmitidos para o Espírito.

Se as emoções forem provocadas por ódio, vingança, ciúme, angústia, depressão etc., irão prejudicar a circulação sanguínea, a pressão arterial, impedir a digestão, modificar o ritmo respiratório e a temperatura geral do organismo.

Considerando o papel importantíssimo que desempenham essas glândulas na atividade sexual do ser humano, torna-se relativamente fácil compreender porque os distúrbios sexuais tem sua sede no cérebro, que as abriga.

Quanto à epífise, particularmente, interessa-nos sobremaneira sua atividade, dada sua grande importância para a mediunidade, já que é fiel transmissora-receptora de vibrações do corpo físico para o Espírito e vice-versa.

Espíritos infelizes, desencarnados, agindo obsessivamente, induzem encarnados da mesma sintonia à prática sexual menos digna, para usufruírem das sensações decorrentes. É nessa parte que a epífise é largamente utilizada, na ligação encarnado-desencarnado, face à sintonia vibratória similar estabelecida entre ambos. O desencarnado, usando faixa de onda própria à recepção, transmite ao encarnado pensamentos que ele mentalmente acolhe; a partir daí, exercita ele o sexo desregrado, julgando ser o "dono" da ideia, desconhecendo que está sendo instrumento de "vampiros".

MECANISMOS DA MEDIUNIDADE

Francisco Cândido Xavier e Valdo Vieira

Mecanismo do Fenômeno Hipnótico

Recorrendo, para exemplo, em nosso estudo, ao conhecido processo de Liébeault, o hipnotizador passará à ação franca, colocando-se à frente do enfermo.

E, situando de leve a mão esquerda sobre a sua cabeça, manterá dois dedos da mão direita, à distância aproximada de vinte a trinta centímetros dos olhos do paciente, de modo a formar com eles um ângulo elevado, compelindo-o a levantar os olhos, em atenção algo laboriosa, para que lhe fixe os dedos por algum tempo.

Com esse gesto, o magnetizador estará projetando o seu próprio fluxo energético sobre a epífise do hipnotizado, glândula esta de suma importância em todos os processos medianímicos (*), por favorecer a passividade dos núcleos receptivos do cérebro, provocando, ao mesmo tempo, a atenção ou o círculo fechado no campo magnético do

paciente, cuja onda mental, projetada para além de sua própria aura, é imediatamente atraída pelas oscilações do magnetizador que, a seu turno, lhe transmite a essência das suas próprias ordens.

Libertando as aglutininas mentais do sono, o passivo, na hipnose estimulada, se vê influenciado pela vontade que lhe comanda transitoriamente os sentidos, vontade essa a que, de maneira habitual, adere de "moto-próprio", quase que alegremente.

É então que o hipnotizador, para fixar com mais segurança a sua própria atuação, exclama, em tom grave e calmo:

- "Não receie. Segundo o nosso desejo, passará você, em breves instantes, pela mesma transfiguração mental a que se entrega cada noite, transitando da vida ativa para o entorpecimento do sono, em que os seus ouvidos escutam sem qualquer esforço e no qual não se sente você disposto a voluntária movimentação. Durma, descanse. Repouse na certeza de que não terá consciência do que ocorra em torno de nós! Despertará você do presente estado, quando me aprouver, perfeitamente aliviado e fortalecido pela supressão do desequilíbrio orgânico."

O doente enlanguesce, satisfeito, acalentado pela sua própria onda mental de confiança, exteriorizada ao impacto do pensamento positivo que o controla, e o hipnotizador reafirma, tocando-lhe as pálpebras de leve:

- "Durma tranquilamente. Tudo está bem. Acordará livre de todo o mal. Acalme-se e espere. Não sofrerá qualquer incômodo. Dentro de alguns minutos, chamá-lo-ei à vigília."

O doente dorme e o magnetizador retira-se por alguns minutos.

(*) Para mais claro entendimento do assunto, indicamos ao leitor a releitura do capítulo II do livro "Missionários da Luz", do mesmo Autor espiritual, recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier - (Nota da Editora).

DICIONÁRIO DA ALMA

Francisco Cândido Xavier

A epífise preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo. Desata, de certo modo, os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências, umas às outras na sequência de lutas, pelo aprimoramento

da alma e deixam entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida. (Palavras do Infinito - André Luiz)

No exercício mediúnico de qualquer modalidade, a epífise desempenha o papel mais importante. Através de suas forças equilibradas, a mente humana intensifica o poder de emissão e recepção de raios peculiares à nossa esfera. É na epífise que reside o sentido novo dos homens, entretanto, na maioria deles, a potência divina dorme embrionária. (Palavras do Infinito - André Luiz)

MISSIONÁRIOS DA LUZ

Francisco Cândido Xavier

A Epífise

Enquanto o nosso companheiro se aproveitava da organização mediúnica, vali-me das forças magnéticas que o instrutor me fornecera, para fixar a máxima atenção no médium. Quanto mais lhe notava as singularidades do cérebro, mais admirava a luz crescente que a epífise deixava perceber. A glândula minúscula transformara-se em núcleo radiante e, em derredor, seus raios formavam um lótus de pétalas sublimes.

Examinei atentamente os demais encarnados. Em todos eles, a glândula apresentava notas de luminosidade, mas em nenhum brilhava como no intermediário em serviço.

Sobre o núcleo, semelhante agora a flor resplandecente, caíam luzes suaves, de Mais Alto, reconhecendo eu que ali se encontravam em jogo vibrações delicadíssimas, imperceptíveis para mim.

Estudara a função da epífise nos meus apagados serviços de médico terrestre. Segundo os orientadores clássicos, circunscreviam-se suas atribuições ao controle sexual no período infantil. Não passava de velador de instintos, até que as rodas da experiência sexual pudessem deslizar com regularidade, pelos caminhos da vida humana. Depois, decrescia em força, relaxava-se, quase desaparecia, para que as glândulas genitais a sucedessem no campo da energia plena.

Minhas observações, ali, entretanto, contrastavam com as definições dos círculos oficiais.

Como o recurso de quem ignora é esperar pelo conhecimento alheio, aguardei Alexandre para elucidar-me, findo o serviço ativo.

Passados alguns minutos, o generoso mentor acercava-se de mim.

Não esperou que me explicasse.

— Conheço-lhe a perplexidade - falou. — Também passei pela mesma surpresa, noutro tempo. A epífise é agora uma revelação para você.

— Sem dúvida - acrescentei.

— Não se trata de órgão morto, segundo velhas suposições — prosseguiu ele. — É a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre. O neurologista comum não a conhece bem. O psiquiatra devassar-lhe-á, mais tarde, os segredos. Os psicólogos vulgares ignoram-na. Freud interpretou-lhe o desvio, quando exagerou a influência da "libido", no estudo da indisciplina congênita da Humanidade. Enquanto no período de desenvolvimento infantil, fase de reajustamento desse centro importante do corpo perispiritual preexistente, a epífise parece constituir o freio às manifestações do sexo; entretanto, há que retificar observações.

Aos catorze anos, aproximadamente, de posição estacionária, quando às suas atribuições essenciais, recomeça a funcionar no homem reencarnado. O que representava controle é fonte criadora e válvula de escapamento. A glândula pineal reajusta-se ao concerto orgânico e reabre seus mundos maravilhosos de sensações e impressões na esfera emocional. Entrega-se a criatura à recapitulação da sexualidade, examina o inventário de suas paixões vividas noutra época, que reaparecem sob fortes impulsos.

Achava-se profundamente surpreendido.

Findo o intervalo que impusera à exposição do ensinamento, Alexandre continuou:

— No entanto, não estamos examinando problemas de embriologia. Limitemo-nos ao assunto inicial e analisemos a epífise, como glândula da vida espiritual do homem.

Dentro de meu espanto, guardei rigoroso silêncio, faminto de instruções novas.

— Segregando delicadas energias psíquicas — prosseguiu ele — , a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endócrino. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subscientes sob a determinação direta da vontade. As redes nervosas constituem-lhe os fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares, e sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos. Manancial criador dos mais importantes, suas atribuições são extensas e fundamentais. Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta. De modo geral, todos nós, agora ou no pretérito, viciamos esse foco sagrado de forças criadoras, transformando-o num imã relaxado, entre as sensações inferiores de natureza animal. Quantas existências temos despendido na canalização de nossas possibilidades espirituais para os campos mais baixos do prazer materialista? Lamentavelmente divorciados da lei do uso, abraçamos os desregramentos emocionais, e daí, meu caro amigo, a nossa multimilenária viciação das energias geradoras, carregados de compromissos morais, com todos aqueles a quem ferimos com os nossos

desvarios e irreflexões. Do lastimável menosprezo a esse potencial sagrado, decorrem os dolorosos fenômenos da hereditariedade fisiológica, que deveria constituir, invariavelmente, um quadro de aquisições abençoadas e puras. A perversão do nosso plano mental consciente, em qualquer sentido da evolução, determina a perversão de nosso psiquismo inconsciente, encarregado da execução dos desejos e ordenações mais íntimas, na esfera das operações automáticas. A vontade desequilibrada desregua o foco de nossas possibilidades criadoras. Daí procede a necessidade de regras morais para quem, de fato, se interesse pelas aquisições eternas nos domínios do Espírito. Renúncia, abnegação, continência sexual e disciplina emotiva não representam meros preceitos de feição religiosa. São providências de teor científico, para enriquecimento efetivo da personalidade. Nunca fugiremos à lei, cujos artigos e parágrafos do Supremo Legislador abrangem o Universo. Ninguém enganará a Natureza. Centros vitais desequilibrados obrigarão a alma à permanência nas situações de desequilíbrio. Não adianta alcançar a morte física, exibindo gestos e palavras convencionais, se o homem não cogitou do burilamento próprio. A Justiça que rege a Vida Eterna jamais se inclinou. É certo que os sentimentos profundos do extremo instante do Espírito encarnado cooperam decisivamente nas atividades de regeneração além do tumulto, mas não representam a realização devida.

O instrutor falava em tom sublime, pelo menos para mim, que, pela primeira vez, ouvia comentários sobre consciência, virtude e santificação, dentro de conceitos estritamente lógicos e científicos no campo da razão.

Agora, aclaravam-se-me os raciocínios, de modo franco. Receber um corpo, nas concessões do reencarnacionismo, não é ganhar um barco para nova aventura, ao acaso das circunstâncias, mas significa responsabilidade definida nos serviços de aprendizagem, elevação ou reparação, nos esforços evolutivos ou redentores.

— Compreende, agora, as funções da epífise no crescimento mental do homem e no enriquecimento dos valores da alma? — indagou-me o orientador.

— Sim ... — respondi sob impressão forte.

— Segregando "unidades-força" — continuou —, pode ser comparada a poderosa usina, que deve ser aproveitada e controlada, no serviço de iluminação, refinamento e benefício da personalidade e não relaxada em gasto excessivo do suprimento psíquico, nas emoções de baixa classe. Refocilar-se no charco das sensações inferiores, à maneira dos suínos, é retê-la nas correntes tóxicas dos desvarios de natureza animal, e, na despesa excessiva de energias sutis, muito dificilmente consegue o homem levantar-se do mergulho terrível nas sombras, mergulho que se prolonga, além da morte corporal. Em vista disso, é indispensável cuidar atentamente da economia de forças, em todo serviço honesto de desenvolvimento das faculdades superiores. Os materialistas da razão pura, senhores de vastos patrimônios intelectuais, perceberam de longe semelhantes realidades e, no sentido de preservar a juventude, a plástica e a eugenia,

fomentaram a prática do esporte, em todas as suas modalidades. Contra os perigos possíveis, na excessiva acumulação de forças nervosas, como são chamadas as secreções elétricas da epífise, aconselharam aos moços de todos os países o uso do remo, da bola, do salto, da barra, das corridas a pé. Desse modo, preservaram-se os valores orgânicos, legítimos e normais, para as funções da hereditariedade. A medida, embora satisfaça em parte, é, contudo, incompleta e defeituosa. Incontestavelmente, a ginástica e o exercícios controlados são fatores valiosos de saúde; a competição esportiva honeste é fundamento precioso de socialização; no entanto, podem circunscrever-se a meras providências, em benefício dos ossos, e, por vezes, degeneram-se em elástico das paixões menos dignas. São muito raros ainda, na Terra, os que reconhecem a necessidade de preservação das energias psíquicas para engrandecimento do Espírito eterno. O homem vive esquecido de que Jesus ensinou a virtude como esporte da alma, e nem sempre se recorda de que, no problema do aprimoramento interior, não se trata de retificar a sombra da substância e sim a substância em si mesma.

Ouvia-lhe as instruções, entre a emotividade e o assombro.

— Entende, agora, como é importante renunciar? Percebe a grandeza da lei de elevação pelo sacrifício? A sangria estimula a produção de células vitais, na medula óssea; a poda oferece beleza, novidade e abundância nas árvores. O homem que pratica verdadeiramente o bem, vive no seio de vibrações construtivas e santificantes da gratidão, da felicidade, da alegria. Não é fazer teoria de esperança. É princípio científico, sem cuja aplicação, na esfera comum, não se liberta a alma, descentralizada pela viciação nas zonas mais baixas da Natureza.

E porque observasse que as instruções lhe tomavam demasiado tempo, Alexandre concluiu:

— De acordo com as nossas observações, a função da epífise na vida mental é muito importante.

— Sim - considere - , compreendo agora a substancialidade de sua influência no sexo e entendo igualmente a dolorosa e longa tragédia sexual da Humanidade. Percebo, nitidamente, o porquê dos dramas que se sucedem, ininterruptos, as aflições que parecem nunca chegar ao fim, as ansiedades que esbarram no crime, o cipal do sofrimento, envolvendo lares e corações ...

— E o homem sempre disposto a viciar os centros sagrados de sua personalidade - concluiu Alexandre, solenemente — , sempre inclinado a contrair novos débitos, mas dificilmente decidido a retificar ou pagar.

— Compreendo, compreendo ...

E, asilando certas dúvidas, exclamei:

— Não seria então mais razoável...

O orientador cortou-me a palavra e esclareceu:

— Já sei o que deseja indagar.

E, sorrindo:

— Você pergunta se não seria mais interessante encerrar todas as experiências do sexo, sepultar as possibilidades do renascimento carnal. Semelhante indagação, no entanto, é improcedente. Ninguém deve agir contra a lei. O uso respeitável dos patrimônios da vida, a união enobrecedora, a aproximação digna, constituem o programa de elevação. É, portanto, indispensável distinguir entre harmonia e desequilíbrio, evitando o estacionamento em desfiladeiros fatais.

Ditas estas palavras, Alexandre calou-se, como orientador criterioso que deixa ao discípulo o tempo necessário para digerir a lição.

OBREIROS DA VIDA ETERNA

Francisco Cândido Xavier

....

Alcançáramos o coma, em boas condições.

O Assistente estabeleceu reduzido tempo de descanso, mas voltou a intervir no cérebro. Era a última etapa. Concentrando todo o seu potencial de energia na fossa romboidal, Jerônimo quebrou alguma coisa que não pude perceber com minúcias, e brilhante chama violeta-dourada desligou-se da região craniana, absorvendo, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada. Quis fixar a brilhante luz, mas confesso que era difícil fixá-la, com rigor. Em breves instantes, porém, notei que as forças em exame eram dotadas de movimento plasticizante. A chama mencionada transformou-se em maravilhosa cabeça, em tudo idêntica à do nosso amigo em desencarnação, constituindo-se, após ela, todo o corpo perispiritual de Dimas, membro a membro, traço a traço. E, à medida que o novo organismo ressurgia ao nosso olhar, a luz violeta-dourada, fulgurante no cérebro, empalidecia gradualmente, até desaparecer, de todo, como se representasse o conjunto dos princípios superiores da personalidade, momentaneamente recolhidos a um único ponto, espalhando-se, em seguida, através de todos os escaninhos do organismo perispirítico, assegurando, desse modo, a coesão dos diferentes átomos, das novas dimensões vibratórias.

PÉROLAS DO ALÉM

Francisco Cândido Xavier

Epífise é a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre. (Missionários da Luz)

ROTEIRO

Francisco Cândido Xavier e Valdo Vieira

RELIGIÃO

A Ciência multiplica as possibilidades dos sentidos e a filosofia aumenta os recursos do raciocínio, mas a religião é a força que alarga os potenciais do sentimento.

Por isso mesmo, no coração mora o centro da vida. Dele partem as correntes imperceptíveis do desejo que se consubstanciam em pensamento no dínamo cerebral, para depois se materializarem nas palavras, nas resoluções, nos atos e nas obras de cada dia.

Na luta vulgar, há quem menospreze a atividade religiosa, supondo-a mero artifício do sacerdócio ou da política, entretanto, é na pregação da fé santificante que encontraremos as regras de conduta e perfeição de que necessitamos para o crescimento de nossa vida mental na direção das conquistas divinas.

A Humanidade, sintetizando o fruto das civilizações, é construção religiosa.

Dos nossos antepassados invertebrados e vertebrados caminhamos nos milênios, de reencarnação em reencarnação, adquirindo inteligência, por intermédio da experimentação incessante, mas não é somente a razão o fruto de nosso aprendizado, no decurso dos séculos, mas também o discernimento ou luz espiritual, com que pouco a pouco aperfeiçoamos a mente.

A religião é a força que está edificando a Humanidade. É a fábrica invisível do caráter e do sentimento.

Milhões de criaturas encarnadas guardam, ainda, avançados patrimônios de animalidade. Valem-se da forma humana, como quem se aproveita de uma casa nobre para a incorporação de valores educativos. Possuem coração para registrar o bem, contudo, abrigam impulsos de crueldade. O instinto da pantera, a peçonha da serpente, a voracidade do lobo, ainda imperam no psiquismo de inumeráveis inteligências.

Só a religião consegue apagar as mais recônditas arestas do ser. Determinando nos centros profundos de elaboração do pensamento, altera, gradativamente, as características da alma, elevando-lhe o padrão vibratório, através da melhoria crescente de suas relações com o mundo e com os semelhantes.

Nascida no berço rústico do temor, a fé iniciou o seu apostolado, ensinando às tribos primárias que o Divino Poder guarda as rédeas da suprema justiça, infundindo respeito à vida e aprimorando o intercâmbio das almas. Dela procedem os mananciais da fraternidade realmente sentida, e, embora as formas inferiores da religião, na antiguidade, muita vez incentivando a perseguição e a morte, em sacrifícios e flagelações deploráveis, e apesar das lutas de separação e incompreensão que dividem os templos nos dias da atualidade, arregimentando-os para o dissídio em variadas fronteiras dogmáticas, ainda é a religião a escola soberana de formação moral do povo, dotando o espírito de poderes e luzes para a viagem da sublimação.

A ciência construirá para o homem o clima do conforto e enriquecê-lo-á com os brasões da cultura superior; a filosofia auxiliá-lo-á com valiosas interpretações dos fenômenos em que a Eterna Sabedoria se manifesta, mas somente a fé, com os seus estatutos de perfeição íntima, consegue preparar nosso espírito imperecível para a ascensão à glória universal.

MORTE - RENASCIMENTO - EVOLUÇÃO

Francisco Cândido Xavier e Valdo Vieira

Na obra de André Luiz, *Missionários da Luz*, psicografada por Chico Xavier, há um capítulo dedicado à epífise, ou "glândula pineal". E autor espiritual explica o processo de interação mente-corpo, da seguinte maneira:

"Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subscientes sob a determinação direta da vontade". (Opus cit. P. 21).

Queremos justificar a citação extraída de uma obra psicografada em 1945 e atribuída a um Espírito. Não pretendemos, com isto, estabelecer a validade decisiva da hipótese de um campo vital implicado nos processos biológicos. Fazêmo-lo a título de ilustração, pois essa referência ao campo vital foi feita há vinte anos e seis anos atrás, numa época em que o Vitalismo era considerado uma hipótese praticamente superada. Entretanto, como várias outras informações do Espírito André Luiz - naquela época também discutíveis - contém proposições e ideias que novamente estão começando a ser reconsideradas pela Ciência, achamos oportuno citá-lo aqui. Teríamos, desse modo, uma informação originada de outro plano, não obstante sua validade ser também questionada pelo sistema vigente inspirado pelo Positivismo materialista.

Parece-nos que a indagação, "por que vivemos?" não anda muito longe de ser respondida satisfatoriamente. Entretanto, acreditamos que, ainda, assim, a resposta cabal conduziria naturalmente à indagação seguinte: "para que vivemos?". Uma vez

examinada a pergunta acerca das "causae efficientes", devemos cuidar da "causa finalis", isto é, para que vivemos.

PALINGÊNESE, A GRANDE LEI

Jorge Andréa

Glândula Pineal ou Epífise Aspecto Histofisiológico

A glândula pineal ou epífise foi bastante conhecida dos antigos, fato observado através das descrições existentes. A Escola de Alexandria participou ativamente nos estudos pineais que se achavam ligados às questões de ordem religiosa. Os gregos conheciam-na por conárium e os latinos por glândula pinealis. Estes povos, em suas dissertações, localizavam na glândula pineal o centro da vida.

Muito mais tarde, os trabalhos sobre a glândula se enriquecem com Ambroise Paré, Vesale e tantos outros, que admitiam tratar-se ora de um gânglio linfático, ora duma verdadeira glândula com funções específicas. Maiores detalhes foram observados com os trabalhos de De Graaf, Stenon e Descartes. Este último fez interessante e detalhada descrição, atribuindo à pineal papel relevante que se tornou conhecido até os nossos dias; para ele, a alma era o hóspede misterioso da glândula pineal.

Com as pesquisas embrionárias, de anatomia comparada e posteriormente os estudos histológicos, abrem-se novas luzes, onde Faivre assinala a presença de elementos nervosos e concreções. Remak e Weigert descrevem a histogênese. Apesar do aparecimento de novos campos de trabalho, os pesquisadores deram interpretações variadas que não diferem em muitos pontos das descrições clássicas. O estudioso e competente Leydig admitia ser a glândula pineal o órgão responsável pelo "sexto sentido".

No começo deste século, os estudos tomam maior incremento com observações mais aprimoradas. Em nossos dias, apesar de experimentações mais meticulosas, ainda não temos definitiva interpretação sobre sua real função; daí as divergências nas hipóteses apresentadas.

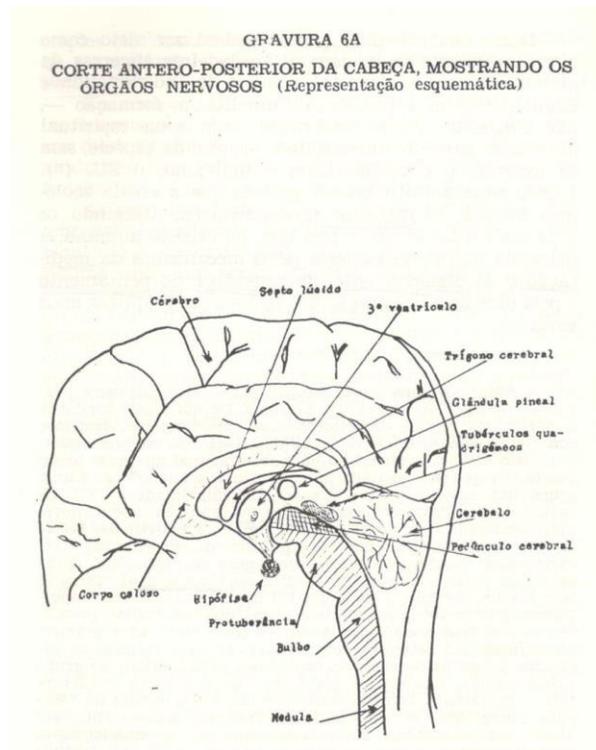
As pesquisas embriológicas, em certos animais vertebrados (lacertídeos), notificaram a presença de um elemento, que denominaram olho pineal, considerado por muitos como um órgão sensorial destinado à visão de certos animais fósseis. Seria um órgão vestigiário, um órgão em regressão, cuja presença nos animais mais avançados na escala zoológica representa o resquício do olho ímpar de certos invertebrados? Inúmeras experiências foram feitas nas diversas espécies animais a respeito do olho pineal, e as conclusões são contraditórias e pouco razoáveis. Nos sáurios, apresenta-se

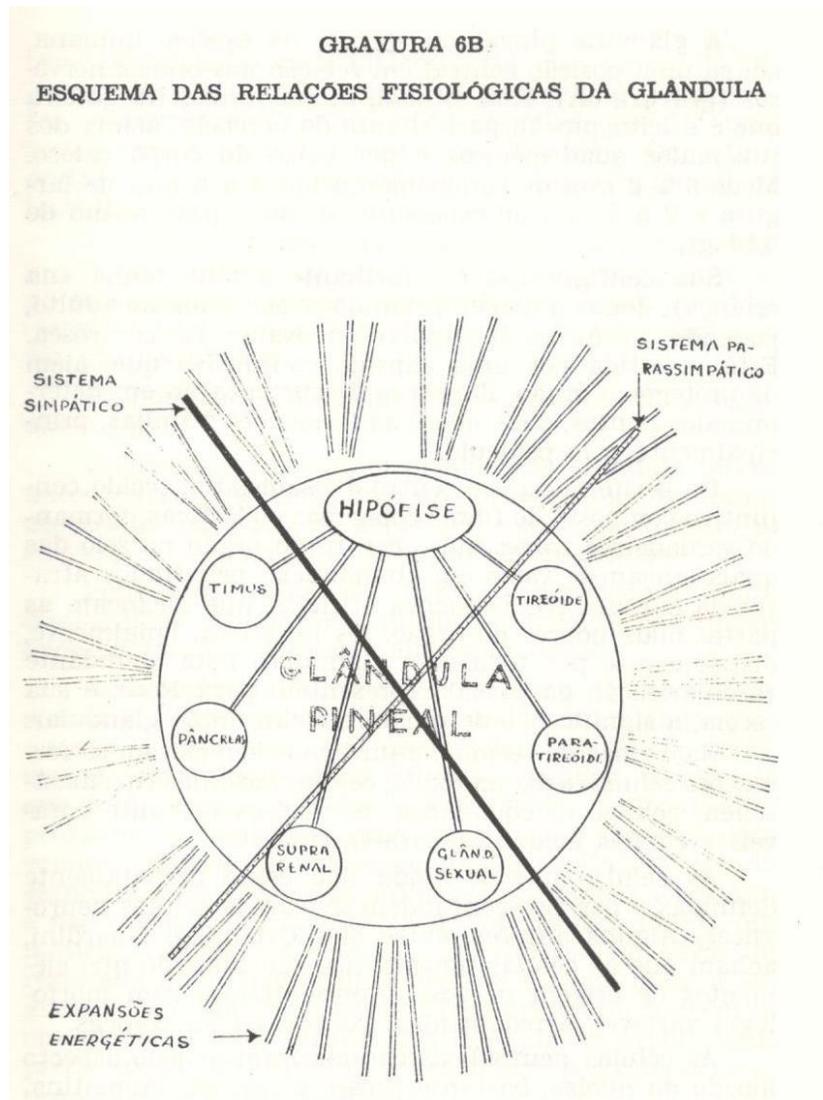
bastante desenvolvido - o polo distal possui células altas que se expressam com biconvexidade, semelhante ao cristalino. A cavidade é comparável ao corpo vítreo; existe uma retina simplificada resultante de pigmentações: no hemisfério proximal evidencia-se um rudimento de coróide.

Poderíamos pensar que o olho pineal, em vez de ser um elemento regressivo, com tendência ao desaparecimento, fosse, ao contrário, um elemento em desenvolvimento. Do olho externo e ímpar de certos animais haveria, aos poucos, nos lentos e metuculosos processos de mutações e transformações evolutivas que desconhecem o tempo, uma inflexão para o interior da caixa craniana, tomando características histológicas especiais sem perderem aquelas de sua origem. Atenderia esta formação ao controle de funções de alta relevância para o animal, tais sejam os diversos mecanismos dos instintos, com tonalidades próprias, conforme o desenvolvimento da espécie. Com o aprimoramento progressivo em relação à escala zoológica, portanto evolutivo, iria aparecendo ao lado do olho pineal o divertículo epifisário, até que no homem alcançaria, em conjunto com as paráfises (formações embriológicas mais ou menos constantes), o estado mais completo do desenvolvimento pineal.

Desse modo, o olho pineal poderá ser visto como o ponto em que se iniciam os verdadeiros alicerces da glândula pineal e, como tal, o início da Individualidade Espiritual - as expressões de um EU em formação - não existente nos invertebrados, cuja zona espiritual deve fazer parte de um conjunto próprio da espécie, sem as nuances que caracterizam o indivíduo, o EU. (*) Lógico seria admitir que, à medida que a escala zoológica avança, os instintos se desenvolvem atingindo os seus mais altos graus, sendo que, na espécie humana, a glândula pineal responderia pelos mecanismos da meditação e do discernimento, da reflexão e do pensamento e pela direção e orientação dos fenômenos psíquicos mais variados.

(*) - Nota: A pineal seria o órgão por onde o psiquismo profundo (espírito) se expressaria no soma. Devido a essa condição, a partir dos répteis, lacertídeos mais precisamente, podemos considerar como o início da individualização da energia espiritual; isto é, nesse momento a energia espiritual dos seres vivos, que deverá ser representada por um "sincício energético" (alma grupo das espécies), começa a ter individualidade - EU. Os deslocamentos dessa energia psíquica ou espiritual que adquiriu individualidade, quando na matéria (animais a partir dos lacertídeos) ou na dimensão que lhe é própria (desencarnação), passaria, doravante, a não mais pertencer ao patrimônio energético da espécie (sincício energético ou alma grupo). Teria os seus limites próprios e seria um EU ou Individualidade, impulsionando na matéria a espécie e forma que lhe é afim, promovendo, destarte, a evolução. Assim, os seres vivos, quer vegetais ou animais até determinados anfíbios, as suas respectivas essências psíquicas ou energias espirituais pertenceriam ao grupo (alma grupo), a espécie de que fazem parte. A partir dos lacertídeos, entretanto, haveria como que um desligamento no "sincício energético", de uma série de vórtices, pontos centrais e vitais das respectivas Individualidades que se emanciparam energeticamente de suas próprias fronteiras. O EU indestrutível se afirmou, desligando-se dum determinismo compulsório para a conquista de mais um degrau evolutivo, embora ainda determinismo, bases do futuro livre arbítrio da espécie humana. Nos lacertídeos, as amudadas reencarnações de suas energias espirituais em maturação, determinariam na massa cerebral marcos tão violentos que a estrutura química começaria a sofrer modificações no sentido do aparecimento do olho pineal, zona que evolue para a futura glândula pineal, local e sede onde mais bem se projetaria a quase totalidade dessa potente energética.





A glândula pineal ou epífise, na espécie humana, ocupa uma posição central em relação aos órgãos nervosos (gravura 6A). Está situada numa verdadeira goteira que é o leito pineal, para diante do cerebelo, acima dos tubérculos quadrigêmeos e por baixo do corpo caloso. Mede 6 a 8 mm de comprimento por 4 a 5 mm de largura e 2 a 5 mm de espessura, sendo o peso médio de 0,16 g.

Sua configuração é semelhante a uma pinha (na criança), donde o nome, tornando-se achatada no adulto, podendo ter forma triangular ou ovalar. De cor rósea. Está revestida por uma cápsula conjuntiva que, além de proteger o órgão, que lhe serve de sustentação em determinados pontos, onde adere as formações vizinhas, principalmente pelo pedículo.

Da periferia para o centro divisamos um tecido conjuntivo composto de fibras colágenas e elásticas, formando verdadeiras traves até o centro do órgão no seio das quais lançam-se vasos em abundância, penetrados através da cápsula por pequenos orifícios, que alcançam as partes mais nobres do órgão. Os linfáticos, igualmente, distribuem-se por toda área glandular. Esta abundante vascularização da pineal representou, para Roux e sua escola, a significação de um verdadeiro órgão glandular.

Nas zonas de tecido conjuntivo evidenciaram-se formações celulares da micróglia, células basófilas tipo mastzellen, células arredondadas de núcleos bastante coráveis e células acidófilas para-vasculares.

As células pineais ainda não estão perfeitamente definidas e por isso confundem-se com as células neuróglia. Alguns autores, entre eles Orlandi e Guardini, acham que as células pineais não são mais do que elementos de origem nervosa. Apresentam-se com morfologia variável, arredondadas, poliédricas ou cônicas.

As células neuróglia caracterizam-se pelo aspecto lobado do núcleo, bastante grosso e rico em cromatina. O citoplasma contém ribonucleoproteína, uma fosfatase alcalina e pequena quantidade de glicógeno.

As células neuróglia parecem ser responsáveis, na sua fase protoplasmática, pelo complexo endócrino neuro-glandular; demonstram particularidades próprias, bem evidenciadas pela histoquímica que conseguiu diferenciá-las de outros elementos neurológicos semelhantes, principalmente aqueles da hipófise que até bem pouco tempo eram descritos como idênticos. Daí a importância que devemos dispensar a estas unidades de trabalho.

As células endimárias são encontradas facilmente na parte superior da glândula e com maior dificuldade no parênquima. Apresentam prolongamentos que têm origem num citoplasma bastante grande em relação ao das células pineais.

No homem assinalou-se a presença de células mióides e gigantes.

Verificou-se em algumas células da glândula pineal mitocôndrias. As mitocôndrias, principalmente, foram observadas em volta do centríolo, como que fornecendo energia para o trabalho ativo do centro-celular.

Pigmentos melânicos, férreos e lipocromos foram distinguidos (Orlandi e Gaurdini), variando de intensidade conforme a fase de trabalho do órgão.

As experiências dirigidas no sentido de determinar a função pineal se revestem da maior dificuldade, porquanto a intervenção no órgão, além de difícil, geralmente compromete zonas nervosas vizinhas. Acresça-se que é um órgão bastante vascularizado, de localização profunda, e mantendo estreitas relações com os seios venosos. Quando se consegue uma perfeita ablação da glândula pineal, às vezes subsiste uma pineal acessória e não prevista. Ao lado disso, os fatores individuais, climáticos, regime alimentar, etc, contribuem para um resultado que deixa sempre alguma dúvida, onde a argúcia interpretativa é sempre reclamada. No homem, a observação é feita

através das doenças do órgão, mais precisamente dos tumores pineais, com posteriores comprovações pela histopatologia.

Daremos em síntese os resultados da pinealectomia obtidos por Thieblot e Bars como os mais credenciados.

Dos efeitos da pinealectomia, em animais jovens, no ponto concernente ao desenvolvimento somático, ainda nada podemos concluir de definitivo, porquanto os resultados experimentais são absolutamente contraditórios.

Sobre o desenvolvimento genital foram observadas modificações acentuadas nos animais machos e fêmeas. Nos animais machos: aumento dos testículos, com desenvolvimento da massa intersticial e das vesículas seminais, denotando franca hipertrofia com hiperatividade testicular. Nos animais fêmeas: hipertrofia ovariana, aceleração na formação do canal vaginal, engrossamento das trompas e aumento do útero. Desse modo, tanto no macho quanto na fêmea, há desenvolvimento precoce dos caracteres sexuais secundários com ativação do instinto sexual. Logo, é evidente o aparecimento da puberdade precoce.

Os efeitos da pinealectomia se corrigem, em quase sua totalidade, com implantações pineais. Vimos que a pinealectomia provoca marcada hipertrofia dos órgãos genitais. Os transplantes pineais, nos animais pinealectomizados, corrigem imediatamente a hipertrofia genital devido à presença de um princípio frenador; este princípio revelou-se, com precisão, nas ratas, quando o ciclo estral se detinha com a implantação da glândula. Existe, também, um princípio estimulante que se manifesta em condições especiais, quais sejam os casos de atrofia genital, onde o princípio frenador não tem mais ação; nessa situação o princípio estimulante exerce, amiúde, grandes efeitos.

Inspirados nos trabalhos de Trautmenn, Goddard e Berkeley, verificou-se que, na aplicação do extrato pineal, há sempre uma acentuada resposta no jogo endócrino sexual, cujas reações deixam transparecer a existência de dois princípios: um frenador e outro estimulante. O fator estimulante responderia pela precocidade sexual que sempre aparece em primeiro lugar.

Os efeitos do extrato pineal sobre a soma são discutidos e, em parte, discrepantes. Pode-se afirmar que o extrato pineal determina uma aceleração no crescimento somático e, mais ainda, segundo Mc Cord haveria, em muitos animais, além dessa aceleração de crescimento, ligeira precocidade mental. Sobre a pele observa-se visível descoloração temporária, verdadeira contração dos melanóforos profundos, parecendo tratar-se de um fenômeno tipicamente simpático.

Sobre o metabolismo o extrato pineal assinalou modificações dignas de referência. O aumento do metabolismo basal é pronunciado. Os lipídios que se desenvolvem bastante, chegando mesmo a ativar a obesidade nos animais pinealectomizados, podem ser reduzidos e controlados com o uso do extrato pineal. Buttaro e Rottini observaram, com

o extrato pineal, modificações no metabolismo glucídico, determinando hiperglicemia. Para o lado dos proteicos há aumento da eliminação azotada. Quanto aos sais minerais assinalou-se de importância, o aumento da taxa de cálcio sanguíneo.

As reações da glândula pineal com a cadeia glandular parecem revestir-se do mais alto significado. A correlação gênito-pineal é de tal ordem, que um desequilíbrio, mesmo em uma de suas partes funcionais, reflete imediatamente na outra. Observou-se na castração, tanto testicular quanto ovariana, acentuada modificação na glândula pineal, determinando em alguns casos hiperatividade, em outros, atrofia. Diante deste aspecto oposto pode pensar-se que a correlação gênito-pineal obedece a uma íntima e desconhecida ligação. Tanto isto é verdade que as modificações fisiológicas da gravidez refletem no âmbito da glândula pineal, determinando aumento dos lipídios vacuolares e das concreções calcáreas e lassidez das fibras neurológicas; tudo isso dá impressão ora de um aspecto involutivo, ora de atividade funcional marcada. Também as injeções de hormônios genitais (testosterona e foliculina) determinam modificações acentuadas no aspecto do órgão, variando de intensidade conforme as doses empregadas.

Foi admitido e observado por vários autores (Izawa, Calvet e outros), a existência de um antagonismo pineal-hipofisário anterior, com marcada ação inibidora no setor hipofisário. A pinelectomia determina hipertrofia do lobo anterior da hipófise, a ponto de triplicar o seu volume total. A influência pineal vai mais além no comando das funções hipofisárias, quando modifica as características funcionais dos hormônios gonadotrópicos, influenciando profundamente o setor genésico do organismo masculino e feminino.

Os estudos sobre a correlação pineal-neurohipófise são raros, de penumbrosa interpretação, o que, aliás, é compreensível.

A glândula pineal mantém outras relações endócrinas, apresentando ligações com a tireóide, suprarrenal, pâncreas e tímus. Com todas essas glândulas deixa transparecer sua influência em maior ou menor grau.

Os trabalhos de Popescu - Inotesti concluíram pela ação frenadora que a glândula pineal exerce no mecanismo insulínico.

Quanto ao tímus, observa-se no homem, que os tumores da pineal impedem a regressão normal da glândula na idade oportuna. Lindenberg observou, em alguns animais, que a timentomia determinava rápida atrofia pineal.

As relações entre a pineal e a tireóide são evidentes. A retirada cirúrgica de uma dessas glândulas reflete, imediatamente na outra; instala-se um violento processo, embora mais acentuado para o lado da tireóide.

Nas glândulas suprarrenais, a ablação pineal ocasiona modificações no índice do colesterol e ácido ascórbico. Foi observada nos tumores pineais a presença de evidente hiperplasia córtico-suprarrenal.

Pelo que acabamos de expor, a glândula pineal está interligada com todo o setor glandular do organismo. Ainda é difícil estabelecer as relações exatas entre a pineal e as demais glândulas, embora possamos asseverar, pelos trabalhos e observações conjuntas, que a pineal seria realmente a orientadora da cadeia glandular, comunicando-se com as demais glândulas direta ou indiretamente, tendo na hipófise o grande campo de suas expansões com o organismo inteiro. Não seria a neuro-hipófise mais precisamente, a zona por intermédio da qual a pineal orientaria todo seu trabalho no equilíbrio endócrino?

Há pouco tempo, semelhante à hipófise, foi constatada a existência de um complexo epitálamo-pineal. O hipotálamo contém determinados centros excito-secretorios da glândula pineal e esta teria ação neurocrínica no hipotálamo. Isto foi perfeitamente verificado às custas dos melanócitos pineais (células especializadas carregadas de pigmentos melânicos), que se distribuem em grande número ao redor dos vasos e entram em contato direto com as fibras nervosas perivasculares. Lembre-se, no momento, a importância dos pigmentos das células nervosas nos mecanismos do psiquismo.

Atualmente está demonstrada a participação do epitálamo, naturalmente com sua coligação pineal, na regulação da temperatura; no metabolismo basal; no metabolismo da água, minerais, hidratos de carbono e gorduras; em todas as funções endócrinas pela associação pineal-hipofisária; nos mecanismos do sono e da vigília; nas expressões das emoções e no equilíbrio e regulação neurovegetativo de todos os sistemas e aparelhos. Por intermédio da pineal, como uma verdadeira estação coordenadora, haveria o contato entre o neurovegetativo e a vida de relação.

Pelo exposto, podemos avaliar o valor que está atribuindo à glândula pineal. A complexidade do feixe epitálamo-pineal, embora ainda não completamente definido em suas relações mais íntimas, já nos deixa extasiados diante de sua caprichosa disposição. A existência de numerosos centros ligados à função pineal dá-nos a impressão de não se tratar tão-somente de estações de comando, e sim de elementos com funções variadas ora como excitantes funcionais, ora como reguladores e mesmo como desligadores de circuitos.

A neuro-regulação pineal está simultaneamente ligada às excitações neurovegetativas (ventriculares e coroidianas) e neuro-somáticas (olfativas, ópticas, acústicas e sensitivas gerais). As correlações epitálamo-pineal e epitálamo-hipofisária, pelas tendências atuais da ciência, permitem-nos tirar conclusões de que a pineal exerce uma ação de controle maior sobre a hipófise e, através desta, sobre todas as glândulas do organismo. É lógico que existem variabilidades de excitações na ativação de determinados setores, de acordo com as necessidades orgânicas da fórmula hormonal individual. Com este acervo de fatos sobre a glândula pineal, procuramos traduzir na gravura 6B, esquematicamente, a impressão das íntimas relações fisiológicas entre

simpático, parassimpático e glândulas endócrinas, como também, as expressões energéticas de um conteúdo vibratório especial.

Desse modo, percebemos que a glândula pineal estaria altamente comprometida com inúmeros departamentos orgânicos, inclusive aqueles que orientam e controlam as funções psíquicas. As citações feitas acima, calcadas em trabalhos judiciosos de histofisiologia, falam-nos do imenso e real valor que a glândula pineal diretamente desempenha nas mais altas funções da esfera orgânica.

Outros fatores que contribuíram para a elucidação da função pineal foram os estudos dos tumores. A presença de tumor pineal (mais comum na infância e puberdade) determina sintomatologia variada, com hipertensão craniana, distúrbios psíquicos, oculares e síndrome distrófica.

A hipertensão craniana vem sempre acompanhada de intensa cefaleia, podendo aparecer crises convulsivas.

Os distúrbios psíquicos geralmente são acentuados com comprometimento de numerosas funções que lhe são associadas. Desse modo aparecem a confusão mental, a excitação hipomaníaca, distúrbios das funções reguladoras da estática e do equilíbrio, vertigens vestibulares, etc.

Os distúrbios oculares são bem marcantes, apresentando sintomas de ptoses, diplopias e as variadas paralisias dos movimentos oculares.

A síndrome distrófica foi muito bem estudada por Pellizi, na criança e no jovem púbere. Caracteriza-se por desenvolvimento anormal dos órgãos genitais externos, com possibilidade do pênis e dos testículos atingirem o tamanho do adulto. Para o lado do instinto sexual há desenvolvimento prematuro, comprovado pelos casos de paternidade precoce. Os caracteres sexuais secundários logo se instalam, com todo cortejo clássico nos dois sexos; barba, pelos axilares e pubianos, mudança na voz e desenvolvimento dos seios nas mulheres. No início da moléstia há uma exacerbação da intelectualidade, tornando-se o portador da doença um indivíduo precoce. Logo a seguir a intelectualidade vai desaparecendo, ao tempo em que se instala um verdadeiro retardamento intelectual.

Os casos de tumores pineais, como também, os das regiões vizinhas, por atingirem zonas da mais alta importância biológica, determinam no organismo uma série de sintomas que culminam na caquexia e morte.

Foi observada, em alguns tumores pineais, a inexistência da síndrome de macrogenitosomia, deixando os estudiosos completamente desorientados quanto às suas deduções. É possível que isto possa correr por conta da ausência de comprometimento da zona diretamente ligada à esfera sexual. Por outro lado, existem casos em que a síndrome de macrogenitosomia se instala de modo quase idêntico, em crianças ou jovens com tumores de outras glândulas (suprarrenal, tímica, tireóide e ovário), apenas variando o grau e qualidade dos distúrbios psíquicos conforme a glândula atingida. Tumores desta ordem, semelhantes aos da pineal quanto ao modo de se refletirem nos diversos

departamentos orgânicos, não seriam verdadeiras expressões de distúrbios pineais? As pesquisas mais modernas de histofisiologia permitem-nos emitir tal conceito. Sabemos perfeitamente que é uma hipótese ousada à primeira vista, mas quando se pensa na interrelação pineal-hipofisária, com maior controle da pineal sobre a hipófise e desta sobre as demais glândulas, ficamos como que inteirados da existência de íntimo intercâmbio glandular, mais vasto do que à primeira vista parece. É preciso lembrar que as glândulas endócrinas têm papel saliente no organismo, como incentivadoras, reguladoras e controladoras da vida animal superior. Não podem deixar de existir, por parte da pineal com as demais glândulas endócrinas e outros departamentos orgânicos especializados, comunicações mais sutis ainda do que as já conhecidas, delicadas e imperceptíveis, que os nossos métodos atuais de pesquisa não conseguem evidenciar; mas o bom senso impõe uma conclusão neste sentido.

Maiores clarezas foram fornecidas pelos trabalhos de experimentação no terreno da opoterapia pineal. Apesar da dificuldade de seleção de hormônios puros, os princípios ativos obtidos são suficientes para produzirem apreciáveis efeitos. Assim, grande número de distúrbios ginecológicos desaparece com o emprego da opoterapia pineal. Foi observada sua influência benéfica nas meno-metrorragias e como ativadores do crescimento, nos casos de involução mamária e uterina. Wislanski assinalou a cura de um caso de dismenorréia por hipoplasia uterina, havendo desaparecimento imediato da dor com as primeiras doses de hormônio pineal. Grande sucesso foi obtido nos distúrbios neurovegetativos da síndrome pré-menstrual. Existe marcada influência do extrato pineal sobre o sexo, e os casos mais animadores são os de cura da excitação sexual exagerada, erotomania, ninfomania e masturbação.

Foram observados por numerosos autores os efeitos das substâncias ativas da pineal sobre o psiquismo da pineal sobre o psiquismo, e no dizer de Thiéblot e Bars parece que os clínicos, inconscientemente, têm revalidado, sob aspectos mais modernos, a ideia filosófica de Descartes, de a pineal ser a sede da alma. Mac Cord e Dans, confirmados por Levi, obtiveram melhoras com o uso da opoterapia pineal nos casos de crianças mentalmente retardadas; houve ativação da intelectualidade, diminuição de fadiga mental e considerável aumento de atividade no campo da atenção.

Fay mostrou a vantagem da opoterapia pineal como tratamento eletivo nos distúrbios da linguagem dos surdos-mudos, por ausência auditiva, acompanhados de retardamento mental. Nos casos de atrasados mentais, com lesões centrais acentuadas, a opoterapia pineal foi ineficaz. Em alguns pacientes, portadores de mongolismo, os efeitos, se bem que não fossem nulos, não apresentaram melhoras aceitáveis. Disso conclui-se que, havendo lesões anatômicas nas zonas responsáveis, a ação da pineal não se pode fazer pela ausência de um terreno fisiologicamente equilibrado, por onde a mesma possa exteriorizar seu comando. A comprovação deste modo de sentir, está naqueles casos de

modificações funcionais sem alterações anatômicas, onde as aplicações opoterápicas podem corrigir muitos desequilíbrios, embora guardando as devidas proporções.

Pensamos que as múltiplas e complexas reações orgânicas não são, tão-somente, resultantes das excitações produzidas pelas substâncias químicas das glândulas endócrinas por orientação da rede nervosa; deverá existir, além de reações químico-vibratórias já de difícil interpretação, outra de natureza mais delicada ainda, exclusivamente energética, imperceptível aos nossos métodos de investigação na explicação de determinadas nuances da biologia.

Com os gritos da puberdade, aos 14 anos em média, a pineal, chefiando a cadeia glandular e mais condicionada pelo desenvolvimento físico do indivíduo, seria campo de distribuição de energias vindas dos vórtices da zona espiritual. Destarte, responderia pelos mais altos fenômenos da vida - "Glândula da vida espiritual"- e podendo ser elemento básico e controlador das razões afetivas, o sexo em suas múltiplas manifestações dependeria integralmente de sua interferência. "Estudos recentes indicam que a glândula pineal é um "relógio biológico" complicado e sensível que regula a atividade das gônadas. Os Drs. Richard J. Wurtman, de Massachusetts, e Julius Axelrod do Instituto de Saúde Mental dos Estados Unidos, esclarecem que a pineal converte a atividade nervosa cíclica, gerada por mudanças de luz no meio ambiente, em informação endócrina".

Desse modo, a pineal seria a tela medianeira onde o Espírito encontraria os meios de aquisição dos seus íntimos valores, por um lado e, pelo outro, forneceria as condições para o crescimento mental do homem, num verdadeiro ciclo aberto, inesgotável de possibilidades e potencialidades. As aquisições para o Espírito seriam cada vez maiores e as influências do Espírito na matéria seriam cada vez mais potentes. Haveria ampliação e recompletamento nas ajustadas etapas palingenéticas, como possibilidades mais lógicas da evolução no esquema cósmico.

Pelos estudos acima enumerados, percebemos a influência diretora da glândula pineal sobre a cadeia glandular do organismo. A ligação que mantém com o hipotálamo e outras zonas nobres do sistema nervoso central é evidente, como também, a influência que exerce no sistema neurovegetativo. Desse modo, jamais podemos afastar a glândula pineal da participação de inúmeras funções orgânicas, direta ou indiretamente, assim como da acentuada correlação no setor psíquico.

Haveria, por parte da glândula pineal, um elemento energético especializado que, por vias apropriadas, pudesse anunciar a sua presença de comando nos diversos setores orgânicos? A hipótese de uma energia atuante, dominando os departamentos anatômicos, não deve constituir absurdo; não podemos negar a existência de uma energética psíquica, dentro e fora do organismo, emitindo vibrações (psicótons). Existiria na glândula pineal um campo energético, dimensionalmente mais avançado, utilizando seus controles glandulares? Seriam as manifestações da Energética Espiritual manipulando essa

credenciada usina orgânica? Seria a glândula pineal o ponto de maior expressão da organização física e, como tal, um abrigo para a Energética Espiritual? Haveria nessa região glandular um feliz acasalamento entre espírito e matéria?

Porque não admitir a pineal - devido à sua situação absolutamente central em relação aos órgãos nervosos, das unidades glandulares que dirige, dos elementos somáticos que influenciam, do sistema neurovegetativo que atua e controla, - como sendo o Centro-Psíquico, o Centro-Energético, o Centro-Vital, que se responsabilizaria pela ativação e controle de todos os atos orgânicos, desde os mais simples até os fenômenos mais altos da vida?

Podemos considerar a pineal como sendo a glândula da vida psíquica; a glândula que resplandece o organismo, acorda a puberdade e abre suas usinas energéticas para que o psiquismo humano, em seus intrincados problemas psicológicos, se expresse em voos imensuráveis.

A afirmação filosófica-intuitiva da escola da Alexandria, dos antigos gregos e mais modernamente de Descartes, como sendo a pineal a sede da alma, e com os estudos que atualmente possuímos, devemos meditar profundamente sem julgarmos a priori aquilo que a nossa ciência oficial ainda não alcançou. Existem hipóteses e ideias lógicas que explicam muitos fenômenos, mas não se enquadram nas expressões materiais da nossa pesquisa, por serem fenômenos energéticos de mais alta sutileza e de difícil mensuração: não são percebidos pelos sentidos comuns e sua atividade deve expressar-se em dimensões desconhecidas.

Existe outro terreno orgânico, ainda desconhecido, inexplorado, para além do físico, de energia mais sutil e menos condensada do que aquela da matéria, e que por isso mesmo a dirige e orienta. É um terreno puramente vibratório, não observado pelo olho humano mesmo com aparelhagem ótica especializada, contudo perceptível pelos seus efeitos. Um campo no qual estaria mergulhada a energia condensada que é a matéria, obedecendo aos seus influxos, por serem mais evoluídos, mais vividos, mais experientes (etapas palingenéticas) e, por isso, com possibilidades de comandar inteligentemente.

Para que a ciência progrida, resolva seus difíceis problemas, terá que imergir nas energias, mais precisamente nas energias do mundo psíquico, para melhor defini-lo, estudá-lo e compreendê-lo. Não mais se entenderá uma ciência que fique a arrastar-se na análise e computando exclusivamente aquilo que os sentidos humanos possam receber; terá que integrar-se no todo, ter a visão sintética, a visão de conjunto e não mais rastejar teimosamente em dimensões menores.

Os pesquisadores, em suas dissecções anatômicas e mergulhos nos infinitamente pequenos, vão transformando a matéria, de viva em morta, e com isso jamais encontram o Princípio-Vital, a Essência dessas unidades de trabalho. Com este proceder, afirmam solenemente nada existir além do que os sentidos percebem e contentam-se com as sobras.

Não queremos com isso criticar o que a ciência construiu com o método analítico que merece os mais rasgados louvores, mas sim esclarecer que este método se está esgotando; necessitamos de novos guias com novas rotas, sem abandonarmos os alicerces seguros e ajustados das construções antigas.

Bibliografia

André Luiz - Mensageiros da Luz. Psicografia de Francisco Xavier - FEB-Rio-4ª edição- 1949.
L. Thiéblot e H. Bras - La Glande Pineale ou Epiphyse - Librairie Maloine S.A. Paris - 1955.
J. Andréa - Nos alicerces do Inconsciente - Ed. Caminho da Libertação - Rio - 1973.